

Orientador: Prof. Ricardo Figueiredo

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Ricardo Figueiredo, por todo o tempo dispensado e pela ajuda ao longo de todo o trabalho;

Ao Prof. Madureira a disponibilidade e o interesse demonstrado sempre que solicitei a sua ajuda, assim como, o material fornecido e o acompanhamento na fase de desenvolvimento do projecto;

Ao tio Morais a possibilidade que me deu de poder fazer a dissertação de mestrado sobre o projecto de reabilitação das suas casas, agradeço também o material fornecido e as visitas a Bande;

Aos pais, ao avô Joaquim e à minha irmã Paula pelo incentivo e pelas inúmeras leituras;

Às amigas Andreia e Inês pelo companheirismo ao longo de todos estes meses de estágio e dissertação;

À Isabel a sua indispensável ajuda na tradução do resumo;

Ao Miguel pelas palavras de incentivo.

Abstract

In response to a request made by a family member to carry out a rehabilitation project of three ruined houses in the village of Nigueiroá, Bande (Galicia), emerged the idea of writing a master's thesis on architecture as a means to acquire a better knowledge of the area and as a starting point for the project.

The first chapter of this thesis deals with the framework of the territorial district of Bande, also stating the topography, hydrography, vegetation type, climate and demographic changes over the last century.

The next chapter consists of the study of the historical developments of the county since the beginning of its settlement, to the division of Hispania in realms, following "Castreja" culture, the Romanization of the territory, the barbarian invasions and the implementation of Christianity till the formation of Christian parishes. All these historical periods are well represented in the archeological findings in the Bande region.

Once understood how the parishes were built, I shifted the study from general to specific, regarding only the village of Nigueiroá. I made a formal analysis, studying the structure and implementation of the clusters associated with the regional toponymics. I chose three case studies (three houses) and through them, tried to show the kind of popular and rural architecture that was built in this village.

After displaying the houses to be rehabilitated, I presented the strategies applied to the project's execution, what is intended to be maintained, built and destroyed, following the presentation of the plans, sections and elevations according to the intervention in the three houses.

Resumo

No seguimento do pedido feito por um familiar para a elaboração de um projecto de reabilitação de três casas em ruínas, na aldeia de Nigueiroá, Bande (Galiza), surgiu a ideia de elaborar a dissertação de mestrado integrado em arquitectura, como modo de formação de conhecimento do lugar e ponto de partida para o projecto.

O primeiro capítulo deste trabalho trata do enquadramento territorial do concelho de Bande, mostrando também a sua topografia, hidrografia, tipo de vegetação, clima e variação demográfica ao longo do último século.

O capítulo seguinte consiste, então, no estudo da evolução histórica do concelho, desde os primórdios do seu povoamento à divisão da Hispânia em reinos, passando pela cultura castreja, pela romanização do território, pelas invasões bárbaras de que foi alvo e pela implementação do Cristianismo e formação de paróquias cristãs. Todas estas épocas históricas estão bem representadas nos achados arqueológicos encontrados no território de Bande.

Depois de entender como se construíram as paróquias, passei do geral para o particular, tratando apenas da aldeia de Nigueiroá. Fiz a sua análise formal, estudando a estrutura e implantação dos aglomerados, associada à toponímia regional. Escolhi três casos de estudo (três habitações) e tentei, com eles, mostrar o tipo de arquitectura popular e rural que aí se construía.

Mostradas as casas propostas para reabilitação, apresentei as estratégias usadas para a elaboração do projecto, o que se pretende manter, construir e destruir, mostrando, de seguida, as plantas, cortes e alçados correspondentes à intervenção nas três habitações.

ÍNDICE

1.	Introdução	11
	1.1. Plano de trabalho	11
	1.2. Notas sobre a arquitectura popular	14
2.	Enquadramento territorial de Bande. Ambiente físico	19
3.	Evolução histórica de Bande	27
	3.1. Primórdios do povoamento – da Pré-história à Cultura Castreja	27
	3.2. Romanização do território	34
	3.3. Das Invasões Germânicas ao processo de Cristianização do Noroeste Peninsular	46
	3.4. Divisão da Hispânia em reinos	52
	3.5. Conclusão	56
4.	Identificação do objecto da intervenção	59
	4.1. Análise formal de Nigueiroá	57
	4.2. Arquitectura local: A habitação – casos de estudo	65
	4.3. Pré-existências: Casa da Parauta, Casa da Demétria e Casa dos Pizarras	69
5.	Proposta de intervenção	79
	5.1. Estratégias de intervenção	79
	5.2. Plantas, cortes e alçados	86
6.	Considerações finais	107
7.	Bibliografia	109
8.	Índice bibliográfico de imagens	117

1. INTRODUÇÃO

1.1. PLANO DE TRABALHO

Objectivos

Este trabalho tem como principal objectivo a **identificação e análise** do Concelho de Bande (Província de Orense), a partir da sua evolução histórica e cultural, das suas raízes arquitectónicas e das suas componentes físicas e sociais, para que, numa 2ª fase de trabalho e com a compreensão da base teórica obtida anteriormente, se fundamente e elabore um projecto de reabilitação de três casas destinadas a turismo rural, na aldeia de Nigueiroá.

Bande, desde cedo, foi uma zona habitada pelo Homem, não só pela sua estratégica localização geográfica (próxima do Oceano Atlântico), como também pelo clima, pelos solos férteis e acidentados, e pelo facto de ser banhado pelo Rio Lima. É, por tudo isto, um local fortemente marcado pela História e pela diversidade cultural e arquitectónica. Os restos arqueológicos deixados pelas várias civilizações (castros, dólmenes e esculturas) são disso prova. Inserido na antiga região romana da *Lusitânia*, mais tarde província da *Gallaeciae*, este povoado estava situado a meio caminho da *Via Nova*, estrada que ligava Braga a Astorga. Nele pode encontrar-se o conjunto arqueológico *Aquis Querquennis*, composto por um acampamento militar, balneários de águas termais e um posto de descanso para viajantes, considerado monumento histórico-artístico. Ainda nesta região, localiza-se a Igreja visigótica de Santa Comba, a mais antiga da Galiza (datada do século VII), erguida sobre um antigo mosteiro, hoje considerada monumento nacional.

Pretende-se, assim, a partir de uma realidade rural, muito voltada para o passado, (re) criar / (re) organizar um espaço, um lugar para o futuro.

Método

Para desenvolver o trabalho perante os objectivos propostos será necessário um profundo conhecimento da realidade rural da zona do concelho de Bande, conhecimento este que será contraposto à análise da sua evolução urbana, de forma a entender os modos de construir, de habitar e a própria arquitectura tradicional.

Assim, o trabalho é iniciado com o enquadramento territorial do local, seguindo-se um estudo do seu ambiente físico (topografia, hidrografia, clima, vegetação, demografia, etc.) e finalmente pela sua evolução histórica. Tudo isto realiza-se com apoio de bibliografia, cartografia, e documentos fornecidos pelas entidades administrativas e de gestão patrimonial da região.

Depois deste estudo mais geral, dedicado ao concelho de Bande, e com o apoio de visitas, entrevistas aos habitantes, fotografias e alguns registos, é analisada em pormenor a aldeia de Nigueiroá. Interessa pois perceber como ela se organiza, como é o funcionamento e a estrutura do aglomerado e como se relaciona com as povoações mais próximas, assim como identificar os elementos naturais e construídos, os seus usos e estado de conservação. Para conhecer melhor o tipo de arquitectura e os seus métodos construtivos são tomadas como base algumas casas (casos de estudo) deste mesmo núcleo.

Por último, e após todo este processo de reconhecimento local, foco-me nas ruínas das três casas, identificando-as no aglomerado e registando graficamente o que delas resta. Após conversas com o "cliente", tomo conhecimento das suas ideias para a reabilitação, bem

como a função a que se destinam as habitações – turismo de habitação - e, com base nos casos de estudo e noutros projectos já efectuados, passei à fase de projecto. Elaborei, então, com sentido crítico e reunindo toda a informação anteriormente recolhida, uma proposta que contempla o local, as preexistências e os modos de vida rurais.

Pretendo que o objecto de projecto tenha um sentido de "lugar", que esteja paisagisticamente bem inserido e relacionado com o todo que o circunda, preservando as características locais.

1.2. NOTAS SOBRE A ARQUITECTURA POPULAR

A arquitectura popular¹ pode também ser chamada de vernácula², rural, tradicional, anónima, folk ou sem arquitecto. Geralmente, esta forma de arquitectura atribui-se a construções que apresentem características que reflectam o ambiente, a cultura ou a história do local onde estejam inseridas. Os edifícios têm um carácter funcional, adequando-se, pois, à função para a qual foram pensados. Habitualmente, são construídos com materiais locais, utilizando-se técnicas e conhecimentos empíricos, cujas origens provêm de épocas passadas, e vão sendo transmitidas de geração em geração, de pais para filhos. Todas estas razões contribuem para que haja uma total economia de meios.

Pelas condicionantes climáticas (temperatura, precipitação, humidade, etc.), pela falta de materiais apropriados, mão-de-obra qualificada ou mesmo técnicas construtivas adequadas, muitas das vezes estas construções adquirem um carácter rudimentar ou invulgar por adoptarem elementos da arquitectura erudita.

Até meados do século passado, o conceito de arquitectura popular não era visto, por parte dos arquitectos, como um género de arquitectura. Este tipo de construção fazia parte de estudos etnográficos, mas não era motivo de interesse arquitectónico.

A partir de meados do século passado, começou a aumentar o interesse por este tipo de construção, desta vez não só por parte dos etnógrafos, mas também por parte dos arquitectos. Entre 1955 e 1960 desenvolveu-se o *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, por parte do Sindicato Nacional dos Arquitectos, em especial pelo arquitecto Francisco Keil do Amaral, que lança a proposta para tal feito. A sua intenção, com este trabalho, era a de

¹ – **Popular** – adj. 2gén. Respeitante ou pertencente ao povo; próprio do povo; usado ou frequente entre o povo; vulgar; que se dirige ao povo; feito para o povo; promovido pelo povo; que agrada ao maior número de pessoas;
in Dicionário da Língua Portuguesa; Porto: Porto Editora, 2006, pág. 1332

² – **Vernáculo** – adj. Próprio do país a que pertence; pátrio; nacional; puro; genuíno;
in Dicionário da Língua Portuguesa; Porto: Porto Editora, 2006, pág. 1724

levantar e registar todo o património, em degradação, na maior parte dos casos, evidenciando a importância da relação Homem/meio (social, económico e geográfico) para o desenvolvimento deste tipo de arquitectura. “Este inquérito, iria permitir aos arquitectos profissionalmente conscientes um conhecimento «in loco» dos atributos específicos das várias regiões do País, das raízes das suas arquitecturas, com imprevisíveis consequências na sua prática disciplinar”³. Como resultado desta investigação, surgiu, em 1961, o livro *Arquitectura Popular em Portugal*, não como uma conclusão ao Inquérito, mas como uma continuação do mesmo estudo.

Em 1964, promoveu-se, no Museu de Arte Moderna de Nova York, uma exposição designada *Architecture Without Architects*, de Bernard Rudofsky. Para além desta exposição, foi lançado um livro homónimo, que retratava fotograficamente esta arquitectura vernácula por todo o mundo. Foi Rudofsky, na sua exposição e livro, o primeiro a utilizar o termo “vernáculo” num contexto arquitectónico. No final da década de 60, a estética destes edifícios passava para segundo plano, sendo o principal motivo de interesse e estudo o contexto ambiental, tecnológico e social onde se inseriam tais construções. Em Espanha, este tema foi também abordado, por Carlos Flores em 1973, numa edição de quatro volumes divididos por regiões.

Mais recentemente, em 1997, Paul Oliver, em *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World* deu a sua definição para arquitectura vernácula:

“(...) comprising the dwellings and all other buildings of the people. Related to their environmental contexts and available resources they are customarily owner- or community-built, utilizing traditional technologies. All forms of vernacular architecture are built to meet specific needs, accommodating the values, economies and ways of life of the cultures that produce them”⁴.

³ - *Arquitectura popular em Portugal* (2ª ed.); Lisboa: Associação dos arquitectos portugueses, 1980, pág.10

⁴ - **Oliver, Paul** (ed.) - *Encyclopedia of vernacular architecture of the world*; Cambridge: U.P., 1997, pág. 23

Este livro marcou a época de maior interesse no tema, tornando-se na sua mais importante referência literária.

Hoje, é imprescindível reconhecer que a arquitectura popular faz parte do nosso património histórico, cultural e arquitectónico, e que por isso deve ser preservada. Como disse Bruno Zevi, *"A arquitectura é o aspecto visual da história, isto é, o modo pelo qual surge a história"*⁵.

Todo este passado, esta maneira de construir com técnicas baseadas na experiência é uma fonte de inspiração para novas obras, que buscam a imagem rústica dos edifícios, adaptada às novas funções e exigências do Homem do século XXI. Por isto, a reabilitação da arquitectura popular é, actualmente, uma necessidade para a sociedade em que vivemos.

*"A redefinição de novos espaços de criação arquitectónica encontra na projecção sobre o que já existe uma nova via de expressão, cuja origem se encontra intimamente ligada à evolução e às mutações da cidade"*⁶.

A antiguidade de um imóvel é vista agora, como uma qualidade e não como um aspecto negativo. É importante que se mantenham as preexistências, testemunhas do passado para que, remodeladas de acordo com as necessidades da sociedade actual, consigam criar um diálogo entre passado e futuro.

Importa salientar que a reabilitação revela um enorme respeito pela História, preocupando-se em conservar e reabilitar o que é antigo, e dando especial atenção às formas e métodos de construir hoje desactualizados.

Para além de salvaguardar o património histórico e melhorar a qualidade de vida em zonas deterioradas, a recuperação de edifícios ajuda também na preservação de vários aspectos tais como: a memória histórica das sociedades, a homogeneidade urbana e o carácter

⁵ – **Zevi, Bruno** _ *Saber ver a arquitectura* / Bruno Zevi; Trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira – 5ª ed; São Paulo: Martins Fontes, 1996, pág. 142

⁶ - **Falkenberg, Haïke** (ed.); **Cuifo, Aurora** (coord.); **Bahamón Alejandro** (coord.) _ *Vivendas Remodeladas: Restauração / Reabilitação / Reconversão*; Madrid: H Kliczkowski – Onlybook, S.L., 2002, pág. 10

próprio de cada edifício. Estes ideais passaram a abranger não só construções singulares e de uso público, mas também edifícios de menor escala, reutilizando-os e ampliando usos e funções. Isto possibilitou o desfrute de localizações privilegiadas, de grande riqueza espacial e expressividade material, característica da arquitectura tradicional, a edifícios destinados à habitação, comércio e escritórios.

Para quê reabilitar se podemos construir de novo? Esta é sem dúvida uma pergunta que merece resposta. Neste momento, a superfície disponível para a construção de novos espaços está a diminuir nas zonas urbanas, enquanto os seus centros se encontram em verdadeira degradação. Daí, ser imprescindível uma tomada de consciência para se reviver o centro. Por outro lado, a saturação do mercado imobiliário, que se limita a repetir soluções de habitação, a escassez de segurança nas cidades provocada pela decadência do espaço público e o consequente vandalismo, a falta de flexibilidade da habitação face a uma sociedade em constante transformação, ou a busca pela individualidade em oposição à vida em massa, são alguns dos factores que levam as pessoas a optar por reabilitar preexistências nas áreas rurais para fazer a sua vida quotidiana.

*"A habitação, como necessidade básica de qualquer ser humano, não escapa a estas solicitações. A remodelação de preexistências toma para si esta condição humana, dando uma vida nova não só ao edifício que sofreu a intervenção, mas também à geração que o vai utilizar, confirmando desta forma a condição da preexistência como ser vivo, e do Homem como um ser inquieto, transformador e progressista, em constante busca por melhores condições de vida"*⁷.

⁷ – Falkenberg, Haike (ed.); Cuito, Aurora (coord.); Bahamón Alejandro (coord.) – *Vivendas Remodeladas: Restauração / Reabilitação / Reconversão*; Madrid: H Kliczkowski – Onlybook, S.L., 2002, pág. 54

Mas, no acto de regenerar o edificado, é necessário encontrar um ponto de equilíbrio, entre antigo / novo, original / vanguardista, para que se estabeleça um critério que determine o que se destrói, mantém, altera ou cria. Ao “construir sobre construído” existe um certo número de implicações, tanto a nível técnico, como de desenho, que obriga a um enorme exercício de rigor, o que torna este trabalho bastante atractivo.

2. ENQUADRAMENTO TERRITORIAL DE BANDE. AMBIENTE FÍSICO

O concelho de Bande situa-se na província de Orense, comunidade autónoma da Galiza, no norte de Espanha. Pertence à Comarca da Baixa Limia, e tem como limites físicos: a Sudeste, o Rio Lima e os concelhos de Muiños (pertencente à mesma comarca) e Porqueira (comarca da Limia); a Norte, faz fronteira com a Vereia (terras de Celanova) e Rairiz de Veiga (Limia); e a Noroeste com o Município da Lobeira (Baixa Limia).

A Comarca da Baixa Limia caracteriza-se pelos seus vales centrais pouco largos, de terras férteis, por onde corre o Rio Lima e pelas montanhas que se formaram lateralmente a estes.

Bande ocupa uma superfície de 99,4 km² e a densidade populacional é de 23,1 habitantes por km², distribuídos por doze paróquias: Bande, Os Baños, Cadós, Calvos, Carpazás, Corvelle, Garabelos, Güin, Nigueiroá, O Ribeiro, Santa Comba e Vilar.

Os principais acessos a este concelho fazem-se, a partir de Orense, pela estrada OU-540 (carretera de Celanova) e da Meseta pela estrada N-525, que chega a Xinzo de Limia e enlaça com a PV-301, até Bande. As ligações viárias a Portugal são feitas na Portela do Homem, na Madalena e na Ameixeira, pontos de união com as estradas que levam às Caldas do Gerês, Ponte da Barca e Castro Laboreiro, respectivamente.

Localizado numa zona característica, de montanhas e vales, o concelho de Bande diferencia-se pelo facto de ser banhado pelo Rio Lima, por nele se localizar a barragem das Conchas, e pela proximidade com o Parque Natural Peneda – Gerês, o qual virá a



1. Localização da Galiza na Península Ibérica



2. Localização da Baixa Limia e do concelho de Bande na Galiza



3. A comarca da Baixa Limia

integrar futuramente. Este contraste de valores naturais torna a paisagem imensamente rica, possuidora de uma identidade própria.

Para que melhor se percebam as formas e modos de assentamento populacional, a relação entre as várias povoações e a relação destas com a natureza, será feita uma análise definidora do ambiente físico. A conjugação entre a topografia do terreno, o sistema hídrico da região, o seu clima e vegetação são elementos que formam um conjunto capaz de desvendar morfologias de assentamento.

Topografia



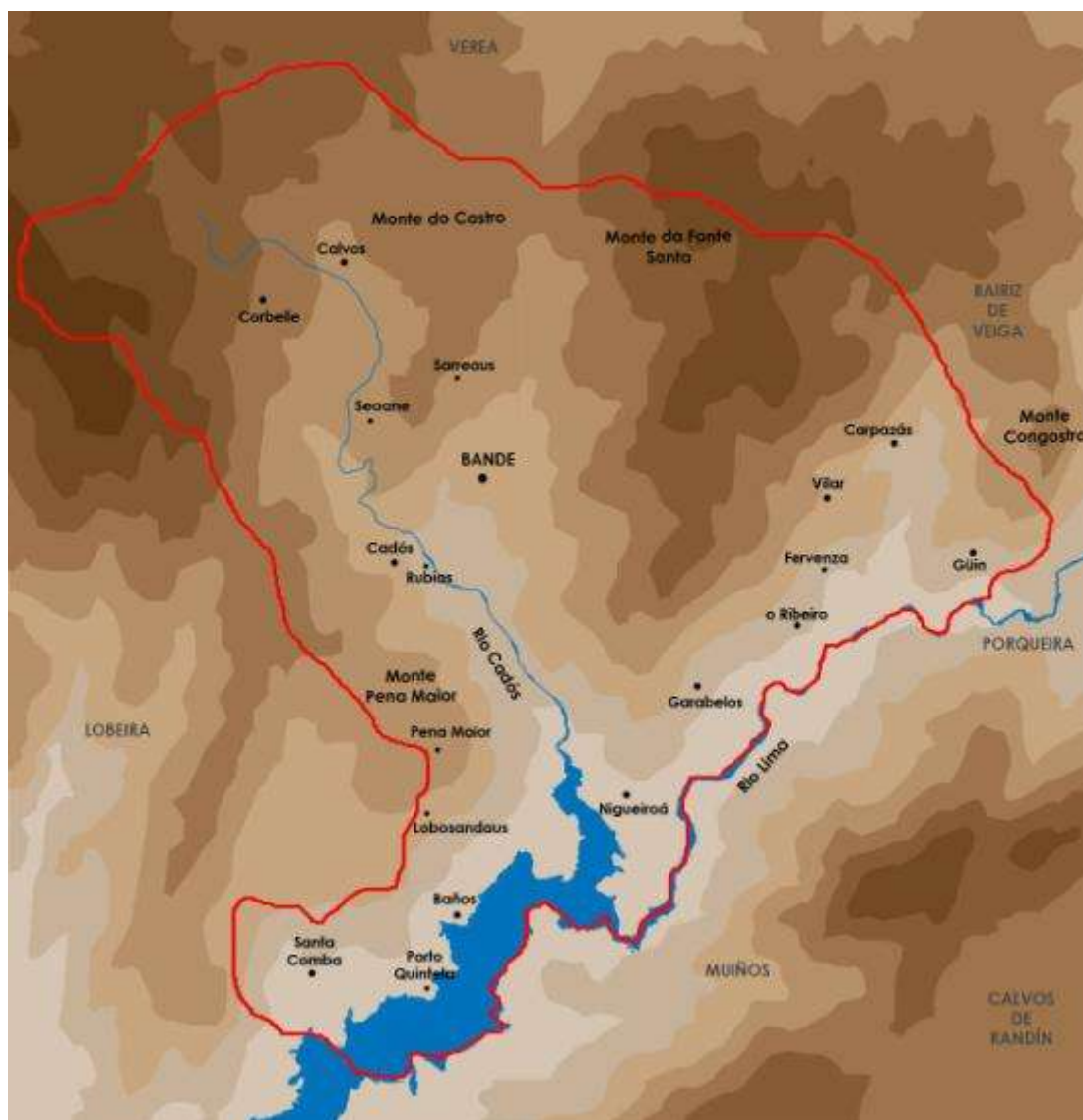
4. A comarca da Baixa Limia – Vale do rio Lima

Bande é constituído por duas zonas distintas, fortemente marcadas pela presença de vales e montanhas. A diferença de altitude entre o ponto mais baixo e o mais alto é de aproximadamente 600 m, estando a zona de vale 500 m acima do nível do mar. O relevo do concelho é ondulado, havendo uma leitura visual mais ou menos contínua, interrompida, apenas, pelas montanhas mais altas.

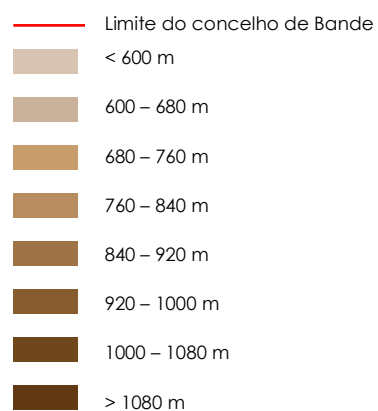
Este vale tem a Norte e Noroeste os montes de Fonte Santa (1086 m) e de Castro (906 m), a Este o monte Congostro (911 m) e a Sudoeste o monte Pena Maior (922m)⁸.

A maior parte da superfície do solo do concelho é composta por granito ou rochas graníticas, sendo essa a principal razão para que a vegetação seja praticamente inexistente nas zonas de maior altitude e para que a profundidade dos solos seja reduzida.

⁸ – Informação retirada do PXOM de Bande



5. Mapa topográfico



Hidrografia

Como se sabe, os cursos de água estão intimamente ligados à variação da topografia. Em Bande, como já foi referido, o relevo é bastante acentuado, facto que pressupõe, à partida, uma rede hidrográfica densa neste território. É de salientar que a Baixa Limia é formada por alternâncias de bacias tectónicas, vales cavados, encaixados uns nos outros, e mesetas⁹.

O recurso hídrico que predomina no concelho é sem margem de dúvidas o Rio Lima, que se localiza no fundo do vale e percorre todo o limite a Sul / Sudoeste. Na sua bacia, parte mais a Sul, localiza-se a represa das Conchas. Deste rio parecem depender a maior parte dos povoamentos locais, situados nas suas margens *“Vida necessitada da auga, do seu ciclo, que tem esse passo polas terras nun camião lineal que nós usamos á beira do seu decorrer (...)”*¹⁰.

Para além do Lima, mais um rio atravessa o território, neste caso, de Norte para Sul, o rio Cadós. Vai recolhendo tanto as águas de pequenos regatos nascidos no cimo dos montes, como a água das chuvas, que descem desde as colinas rochosas, de solo impenetrável, até à represa das Conchas.

Não só indispensável à vida humana, a água é importantíssima no que diz respeito à fauna e flora. Este conjunto de terras húmidas e terras montanhosas secas é considerado como um dos *“ (...) ecosistemas máis complexos e productivos do planeta, ateigados de extrema riqueza en biodiversidade, com multiples biótopos e habitats (...)”*¹¹. A zona húmida, correspondente à barragem das Conchas, é reconhecida como local importante de pouso de aves aquáticas hibernantes e migratórias, sobretudo anátidas¹².

⁹ – Meseta ou montanhas bloco são os termos utilizados para o que na geologia estrutural e na geografia física se designa por *horst*. “*Horst* é a designação dada (...) a um bloco de território elevado em relação ao território vizinho por acção de movimentos de terras. O território que forma o *horst* eleva-se devido ao movimento combinado de falhas geológicas paralelas, ou relativamente paralelas, cujo movimento provoca o afundamento dos terrenos vizinhos ou a elevação de uma faixa de terreno entre elas.(...) A palavra “horst” é alemã, e significa ninho de águia ou colina alcantilada.” In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Horst>

¹⁰ – **Lethes – Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Inverno de 2002 - 2003. n.º 4, pág. 3

¹¹ – **Lethes – Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Inverno de 2002 - 2003. n.º 4, pág. 107

¹² – As anátidas são aves usualmente migratórias e que costumam viver nas proximidades da água, sendo uma das suas adaptações ao meio aquático a impermeabilização das penas a partir de óleos e membranas interdigitais nas patas. Retirado de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anatidae>

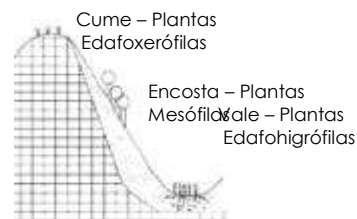
Vegetação

Tal como a fauna, a flora depende totalmente das particularidades da região (dos solos, do clima, etc.).

“A adscripción bioxeográfica a dúas unidades distintas, a diversidade no perfil e profundidade dos solos, o acusado intervalo de altitude e a variación climática actual e histórica son algúns dos principais factores que actúan favorecendo a biodiversidade vexetal¹³.

Neste caso, a comarca em estudo distingue-se pelo esforço notório de conservação de tais valências ao nível “arqueológico, geomorfológico e biológico”¹⁴, pela criação do Parque Natural da Baixa Limia – Serra do Gerês. É de salientar que este ambiente dual traz grande riqueza ao nível das espécies de plantas, que se adequam aos diversos habitats. O elemento mais importante da vegetação da Baixa Limia é, sem dúvida, a flora vascular.¹⁵ Calcula-se, que mais de 97% deste tipo de planta possua sementes (espermatófitas) e se subdivida pelas gimnospérmicas (árvores de pinhas), as eudicotiledóneas (leguminosas) e as monocotiledóneas (cereais). A restante percentagem não possui qualquer semente e tem a denominação de pteridófita (fetos).

No concelho de Bande 94 % do solo é considerado rústico, correspondendo 63 % desse solo a áreas florestais, estando a maioria do restante solo por explorar.¹⁶ Nessas zonas de floresta as árvores predominantes são: o pinheiro, o castanheiro e o carvalho. Mais próximo das zonas de água encontram-se espécies como o salgueiro, o freixo e as bétulas (árvores de zonas húmidas). A agricultura ocupa apenas uma mínima parte deste sistema de terras, servindo apenas para consumo próprio. A produtividade é baixa, devido à parcellação dos solos e os cultivos são à base de milho, batata e centeio.



6. Esquema terreno / vegetação

Espermatófitas	97,38 %	Eudicotiledóneas 77,09 %
		Monocotiledóneas 22,38 %
Pteridófita	2,62%	

Fonte:
Lethes – Cadernos Culturais do Limia n.º7

7. Percentagem de espécies presentes na Baixa Limia

¹³ - Lethes – Cadernos Culturais do Limia; Centro de Cultura Popular do Limia. Inverno de 2005 – 2006. n.º 7, pág. 105

¹⁴ - Lethes – Cadernos Culturais do Limia; Centro de Cultura Popular do Limia. Inverno de 2005 – 2006. n.º 7, pág. 105

¹⁵ - “Plantas com tecidos especializados para o transporte de água e seiva que alimentam as suas células (...)” In http://pt.wikipedia.org/wiki/planta_vascular

¹⁶ - Informação retirada do PXOM de Bande

Clima

O clima no concelho de Bande pode inserir-se em duas variantes climáticas: Continental / Siberiano, nas zonas altas de montanha e Oceânico no território correspondente ao vale (rio Lima). Ou seja, o clima é bastante húmido e chuvoso (há precipitação cerca de 1/3 do ano), sendo as temperaturas suaves e agradáveis no Verão e baixas no Inverno. A temperatura média anual ronda os 13° C nas zonas mais baixas e 9° C nos pontos de maior altitude.

Os ventos são uma constante, especialmente de Sudoeste e Sudeste, trazem ares continentais muito frios e grandes descidas de temperatura, especialmente na Primavera. As geadas são também uma predominante nesta zona, especialmente no mês de Março.

Demografia

Este é definitivamente o maior problema tanto do concelho como da comarca em geral. Os processos de despovoamento chegam a níveis difíceis de contrariar e solucionar. Com isto, a dicotomia rural / urbano torna-se cada vez mais acentuada, com a desertificação das aldeias e fuga para os meios urbanos.

Bande era um concelho cuja actividade productiva principal há pouco mais de uma década era a agricultura / pecuária. Com o decorrer dos tempos, e com a parcelação das terras agrícolas (terrenos menores que 5 Ha), esta actividade deixou de ser rentável, devido à dificuldade de mecanização e aos baixos níveis de produtividade. Por isto, hoje, só 3,6 % da superfície total de exploração se encontra em produção¹⁷. Talvez esta tenha sido uma das razões para o início dos movimentos emigratórios, especialmente de pessoas jovens. Como se pode verificar nos censos, entre 1991 e 2006, a variação

¹⁷ – Informação retirada do PXOM de Bande

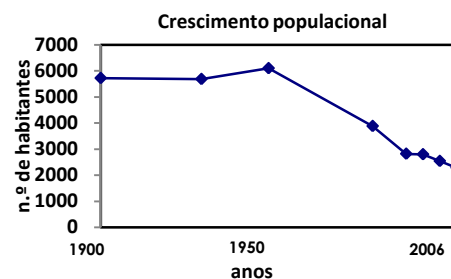
demográfica é acentuada neste concelho, sendo mesmo assim, o que ainda detém a maior concentração de população de todos os concelhos da comarca a que pertence. O número de habitantes por habitação é, em mais de metade dos casos, de 1 ou 2 pessoas¹⁸.

A taxa de natalidade no município de Bande ronda os 7 % enquanto que a taxa de mortalidade se situa por volta dos 10 %, o que dá um crescimento demográfico negativo¹⁹. Isto, deve-se essencialmente ao facto de 33 % da população ter mais de 65 anos e de os jovens se terem deslocado para as cidades. Não há, por isto, uma renovação da população nem aumento de gerações, o que levará ao completo isolamento social.

Áreas de reconhecido interesse

O município de Bande apresenta-nos variadas zonas de interesse natural, arqueológico e histórico. Foi a zona a Noroeste considerada lugar de importância comunitária (L.I.C.), com zonas de especial protecção dos valores naturais. Esta zona, que engloba a serra do Gerês, foi declarada, também, zona de especial protecção de aves (Z.E.P.A.) e rede natura 2000²⁰. Como já foi referido, a represa das Conchas foi reconhecida como local de paragem das aves anátidas migratórias.

Este território foi sempre, ao longo de toda a sua história, um local de penetração de povos e novas culturas, vindas do exterior, através da sua "coluna vertebral", o Rio Lima. Graças a isso a riqueza histórico – cultural é enorme, estando espalhados pelo território achados arqueológicos como mamóas, castros, a villa romana de Aquis Querquennis com a sua mansión e banhos termas, a Vía Nova, via romana que ligava Braga a Astorga, a igreja de Santa Comba de Bande (monumento nacional), entre outros.



ANO	N.º HABITANTES
1900	5.721
1930	5.684
1950	6.099
1981	3.881
1991	2.818
1996	2.798
2001	2.541
2006	2.285
Crescimento	-9,83 %

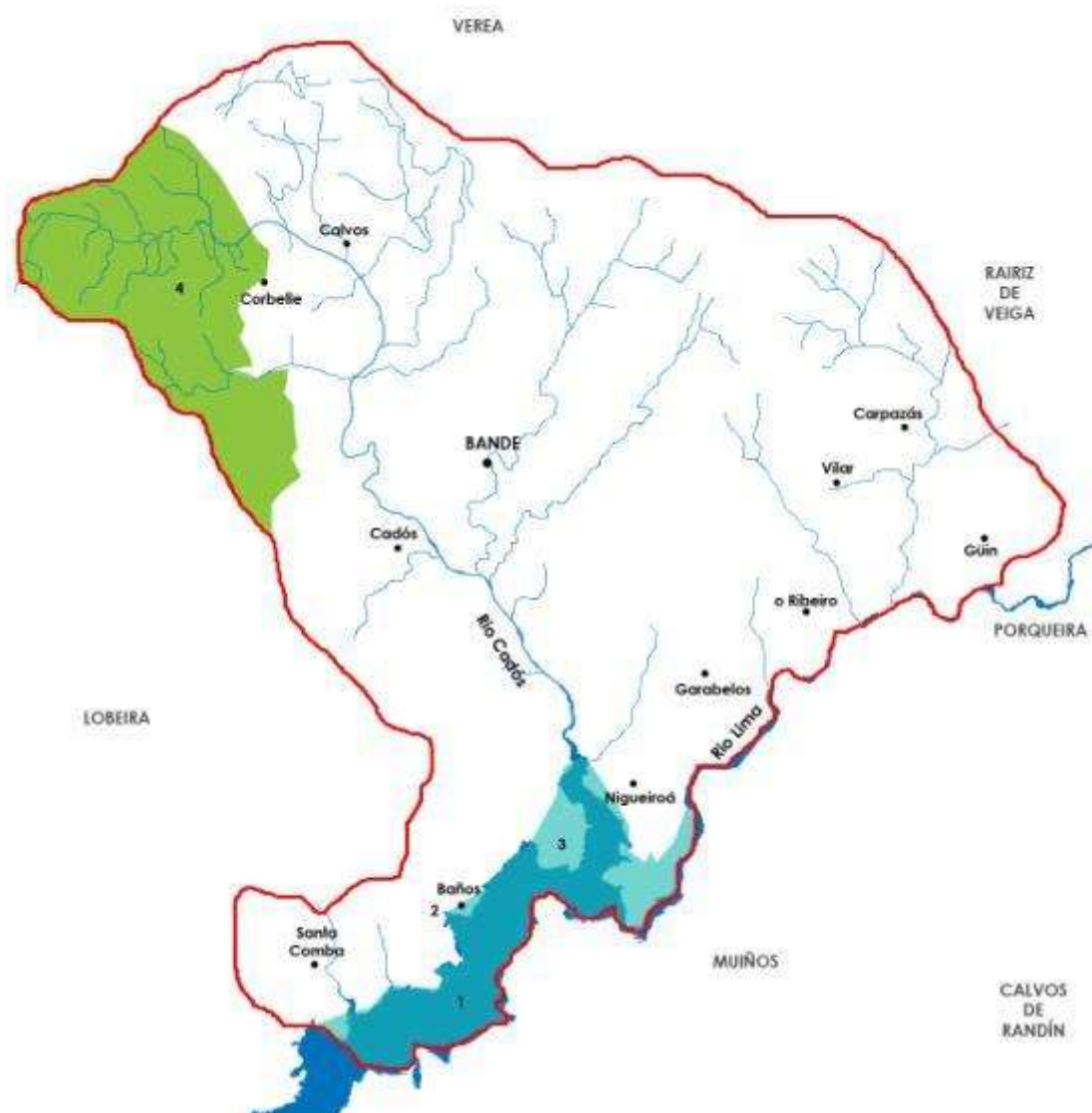
Fonte: PXOM de Bande

8. Evolução da população em Bande

¹⁸ – Informação retirada do PXOM de Bande

¹⁹ – Idem

²⁰ - Idem



— Limite do concelho de Bande

— Ribeiros

1 – Barragem das Conchas

2 – Zona Termal

3 – L.I.C. – Lugares de importância Comunitária

4 – Z.E.P.A. – Zona Especial de Protecção de Aves

9. Mapa dos elementos naturais do concelho de Bande

3. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE BANDE

3.1. PRIMÓRDIOS DO POVOAMENTO – DA PRÉ – HISTÓRIA À CULTURA CASTREJA

Neste capítulo interessa-me salientar os momentos que mais fortemente marcaram a história de Bande, deixando aí as suas marcas físicas no espaço, sociais e antropológicas.

Desde tempos muito recuados que o território da Baixa Limia conquistou a atenção de vários povos que aí chegaram e se fixaram. Sendo esta região fortemente marcada pela presença do rio Lima, o seu clima temperado, os solos férteis e as cadeias montanhosas em seu redor, foram também aspectos que atraíram as populações. Bande é uma terra fronteiriça que durante séculos passou de povos espanhóis para portugueses, e de portugueses para espanhóis, notando-se por isso influências diversas na sua arquitectura.

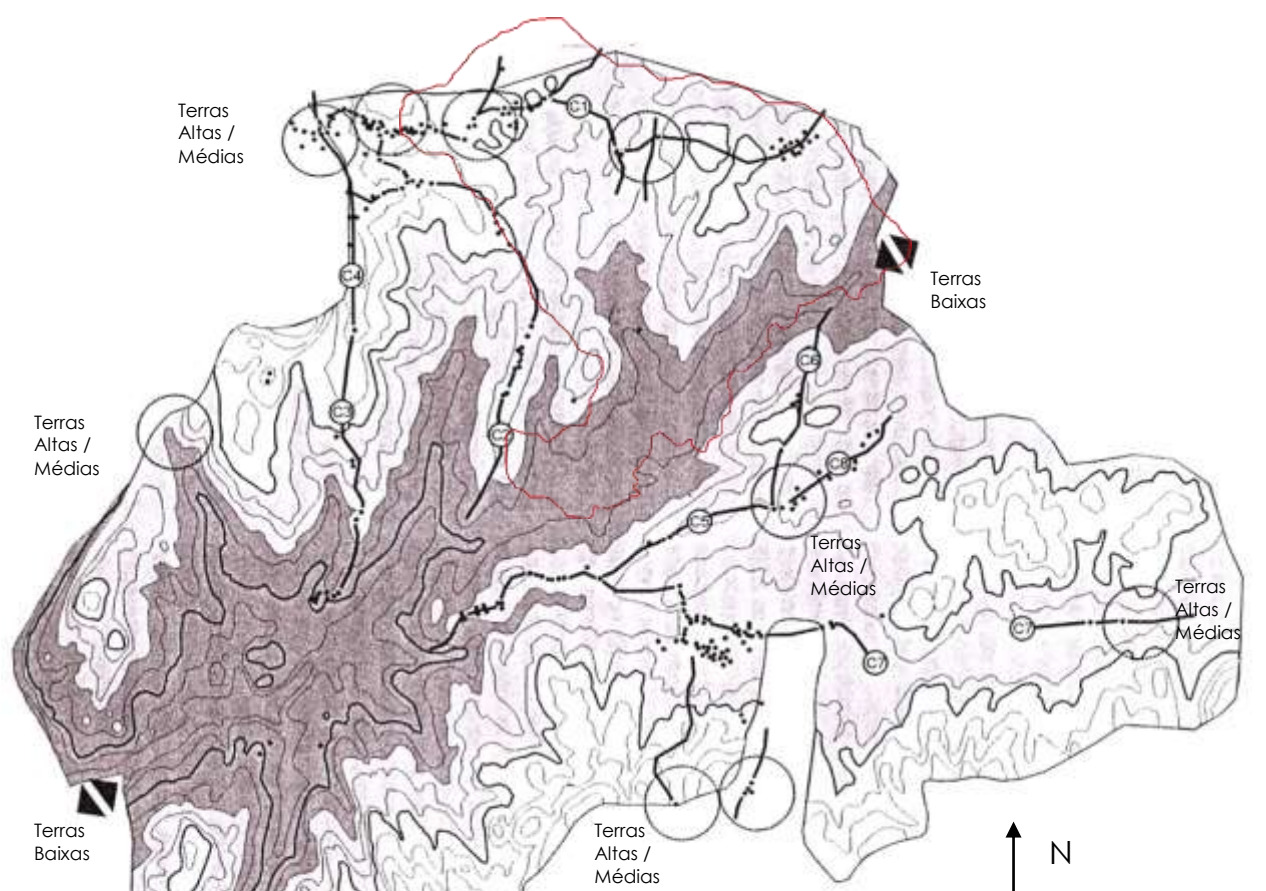
Os vestígios mais antigos descobertos na Galiza correspondem ao período Megalítico²¹ e estão distribuídos pelo território, desde a beira-mar até ao cimo dos montes. Os povos desta época não deixaram grandes marcas de povoamento, o que leva a crer que ainda fossem um povo nómada, não tendo, por isso, dedicado muito tempo à construção de habitações fixas. A maior parte dos achados arqueológicos (monumentos funerários) encontram-se nas terras mais altas, provavelmente por estas serem menos propícias à prática de agricultura.

Uma das necessidades mais básicas de um povo nómada é o modo como este se desloca pelos territórios a explorar. Assim, as populações da Baixa Limia criaram uma vasta rede de caminhos, que interligavam uma série de



10. Mapa de distribuição do fenómeno megalítico na Galiza. Fonte: Rodríguez Casal 1990

²¹ – “O termo Megalitismo (do grego mega=grande e lithos=pedra) emprégase para definir un fenómeno característico do occidente europeo no que chaman a atención as diversas construcións pétreas que reflicten un mundo cheo de simbolismos ligados coa idea da morte e do alén.”
In **Lethes – Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Outono de 2000. n.º 2, pág. 105



"Das mámoas estudiadas tan só unhas poucas aparecen dispersas. Algunhas delas foron erixidas en puntos por onde posteriormente discorreron camiños bem documentados aproveitando o trazado de rutas anteriores. (...)"

- **Mamoas de O Vieiro:** erixida nunha portela, un aceso de primeira orde entre o Arnoia e o Limia que hoxe aproveita a estrada N-540. Por este mesmo lugar transcorria (...) 'o camino portugués' de Celanova: 'Es una vía romana secundaria, que sale de la anterior (Vía XVIII o Vía Nova) en los Baños de Bande, pasando por Pazos, Santiago de Cadós por un puente romano, San Pedro de Bande, Sarreaus y el alto do Vieiro...' [Freire Priegue, 1988: 172]

- **Mámoas do Monte de Calvos:** moi próximas á divisoria Limia / Arnoia. Entre as dúas discorre un fondo camiño que, hacia o Noroeste segue hacia esa divisoria principal. Hacia o Surlleste percorre a divisoria entre dous afluentes do Rio Cadós. Ademais do vello camiño, tamén se emprazan á beira dunha pista asfaltada que sustitúe un camiño anterior (enlousado onde se conserva) que formaba, xunto co primeiro, unha encrucillada coincidente cunha orografía de portela."

"Este mesmo camiño da Divisoria Norte prosegue sobre a liña de cumes pólos lugares de As Cuatro Cruces (...) e despois polas de **Outeiro de Augas, A Moa e Monte de Calvos, Vieiro** e Sanguñedo cara ó Leste.

Camiño Lebreiro - As Conchas: parte do seu trazado(...) comunicaba a Baixa Limia com Arnoia. (...) para, despois, reaproveitar outro de rixe prehistorica que discorre entre as mámoas do Monte das Motas. Dende o Alto de Taboazas seque a ascender bordeando as mámoas de A Formiga, **Penedos da Chan e Os Pedrouzos.**"

In **Lethes - Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Outono de 2000. n.º 2, pág. 50 e 51

In **Lethes - Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Outono de 2000. n.º 2, pág. 54 e 55

- Mamoas
- Caminhos / Rotas
- Limite do concello de Bande
- Terras baixas: < 700m
- Terras médias: 700m-1000m
- Terras altas: > 1000m

11. Mapa de rotas / camiños e mamoas da Baixa Limia (curvas de nivel de 100 em 100m)

diferentes recursos / espaços: habitacional, produtivo, cinegético e funerário. Observando a disposição dos caminhos locais, percebemos que existe uma relação entre eles e a disposição dos monumentos megalíticos. A localização das mamoadas²² tem quase sempre que ver com os caminhos, estando grande parte delas disposta paralelamente a estes. Normalmente, eram implantadas em pontos-chave de percursos, tais como portelas, cruzamentos, cumes de montanhas, interrupção de pendentes ou no fundo dos vales.

“A distribución da maioría das mámoas evidencia aliñacións empiricamente constatables.

As ubicacións destas mámoas coincide maioritariamente coas inmedicacións de camiños e lugares claves de paso (portelas, vaos, encrucilladas)”²³.

A meados de 1800 a.C. inicia-se a Idade do Bronze e o conseqüente final do Megalítico. A população começa a adoptar as técnicas da metalurgia, produzindo utensílios em metal (machados, punhais, pontas de flecha, etc.) e adereços, em ouro e bronze. Supõe-se que a partir desta altura se comecem a efectuar petroglifos, que retratavam cenas quotidianas de caça, pastorícia, guerra e vida / morte, o que demonstra uma continuidade do estilo de vida do Megalítico. Alguns dos achados arqueológicos, tais como as cistas²⁴ (tumbas individuais, contrariamente ao que acontecia no Megalítico) e as armas diversificadas fazem antever uma sociedade hierarquizada, de elites guerreiras dominantes.

“Díxose que os puñais ou espadas curtas, as alabardas e o que se ven interpretando como escutiformes, ou mesmo signos heráldicos, indicarían a presencias dunhas elites guerreiras que comunican e fan saber o seu poder, sinalando en certas pedras a súa presenza e dominio”²⁵.

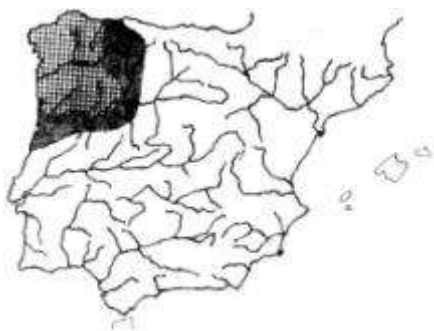
²² – “Uma **mamo**a ou **tumulus** é um montículo artificial que cobre uma câmara dolménica. (...) As mamoadas apresentam geralmente uma forma oval ou circular. Eram edificadas com pedra e areia e tinham a finalidade de proteger o dólmen, cobrindo-o completamente.” In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamo>

²³ – **Lethes – Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Outono de 2000. n.º 2, pág. 57

²⁴ – “Uma **cista** é um monumento megalítico funerário. Basicamente é formada por quatro lajes, colocadas verticalmente formando um rectângulo. Sobre elas costumava ser colocada outra pedra horizontal a jeito de tampa. No interior eram colocados os restos mortuários.” In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cista>

“Quando a superfície da câmara dolménica não supera o metro quadrado, considera-se que é um monumento megalítico denominado **cista**.” In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dolmen>

²⁵ – **Calo, Francisco** _ História xeral de Galicia; Vigo: A nossa terra, 1997, pág. 31



12. Mapa de ocupação da Cultura Castreja

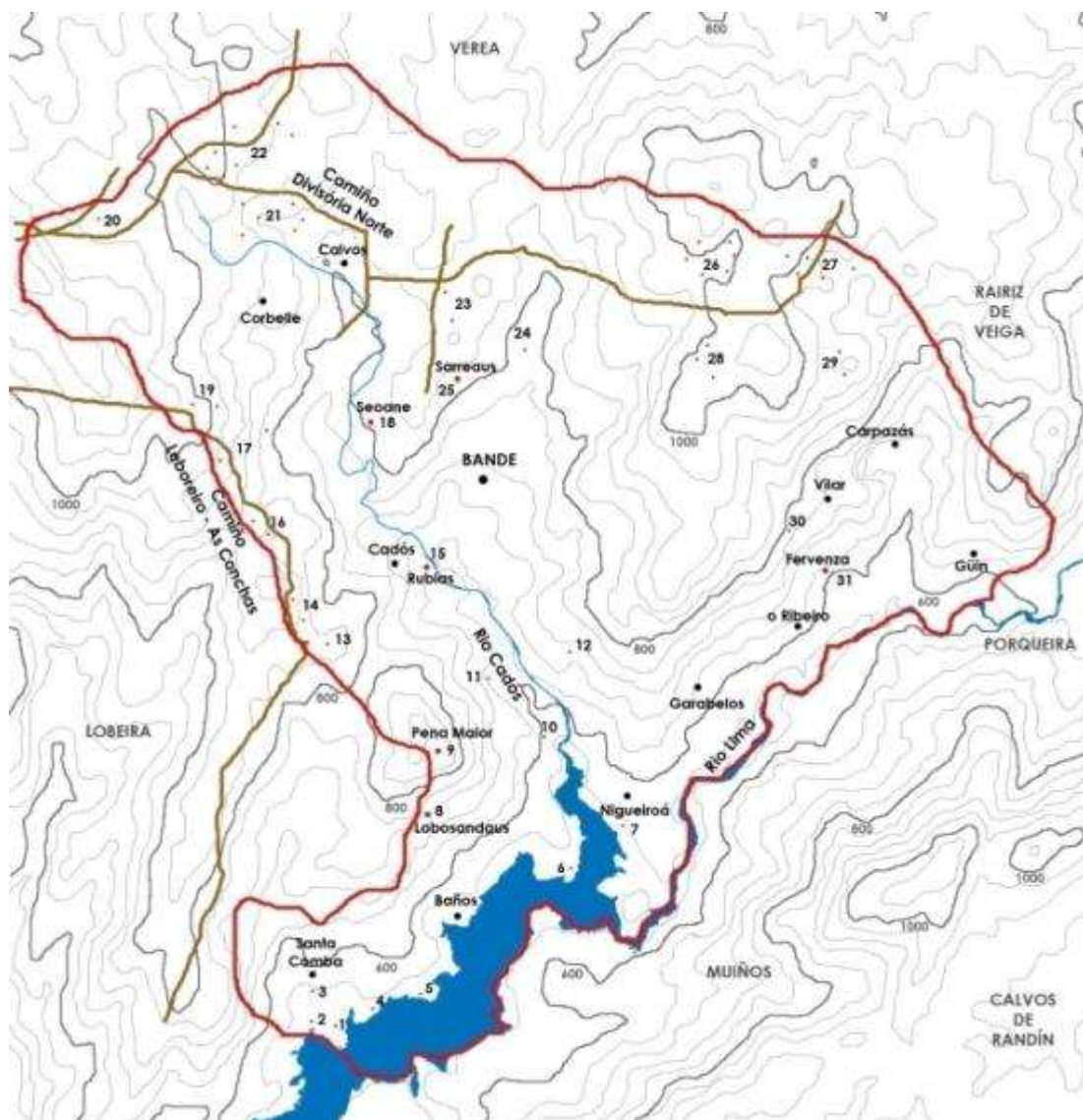
Quadricula: territorialidade normalmente admitida
Mancha: espaços de incerteza

A maior parte da concentração de achados da Idade do Bronze situa-se a Norte e Oeste do Rio Minho. Os que se encontram para Sul e Este situam-se nas bacias dos rios Sil, Lima e Tâmega (vias de penetração de culturas). Todos estes elementos foram encontrados fora de contextos habitacionais ou funerários, o que não quer dizer que não os tenha havido. Este facto leva a crer que a fixação dos povos estava directamente relacionada com a localização dos diferentes tipos de minas. Sabe-se que os achados em estanho (fundamentais para o processo produtivo) foram encontrados nas formações de aluvião – vales litorais e peri-litorais da Galiza – ao passo que os vestígios em chumbo (machados) se concentraram na Galiza Norte / Oriental. A dispersão de achados parece estar intimamente ligada à área onde existiriam minerais, pensando-se que o processo de fabricação era feito nas proximidades das minas.

Se da Idade do Bronze não se podem dar muitas certezas, pela falta de informação e documentação arqueológica, da época que se seguiu não podemos dizer o mesmo. A Cultura Castreja²⁶ surge como um remate da fase anterior. Isto porque, os seus limites de ocupação correspondem aos supostos assentamentos, dados pela distribuição dos achados arqueológicos mais desenvolvidos da indústria do Bronze, do Bronze Final. No entanto, na época dos castros, nota-se um avanço na ocupação do território, para o interior / Sul (vales), resultante das alterações climáticas que se verificaram por volta de 900 / 800 a.C. A pluviosidade aumentou consideravelmente, tornando estas terras mais férteis e densas ao nível da vegetação, permitindo, assim, a expansão da povoação.

Tanto a Galiza como o Norte de Portugal têm um vasto leque de vestígios da época castreja. No concelho de Bande é notória a presença deste “mundo Castrejo”, tendo em conta os variados vestígios arqueológicos, tais

²⁶ – Denomina-se **Cultura Castreja** ao período que precedeu a Idade do Bronze. Este termo deriva da palavra *castro*, que é o tipo de habitação onde viviam estes povos e é o elemento que melhor define a cultura desta época. “ (...) os poboados – elementos que pola sua particular incidência na paizaxe e pólo seu número tipificaron e deron nome a este período da nosa Protohistoria (...)” in *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 20



13. Mapa dos achados arqueológicos pré – romanos do concelho de Bande

1 – Achados arqueológicos do Calcolítico A Veiga de Santa Comba – Santa Comba
 2 – Achados arqueológicos do Calcolítico A Cavadiña – Santa Comba
 3 - Achados arqueológicos do Bronze O Biudeiro – Santa Comba
 4 - Achados arqueológicos do Calcolítico A Telleira – Santa Comba
 5 - Achados arqueológicos do Bronze A Veiga de Porto Quintela – Porto Quintela
 6 - Achados arqueológicos do Bronze A Veiga de Maus - Maus
 7 - Achados arqueológicos do Bronze A Veiga de Nigueiroá
 8 - Castro de Lobosandaus - Lobosandaus
 9 – Castro de Pena Maior - Vilela
 10 – Petroglifo de Uzal – Sordos
 11 – Achados arqueológicos do Bronze O Curral de Bois – Buxán
 12 - Túmulo de A Coñota . Buxán

13 – Achados arqueológicos do Calcolítico O Cargueixal – A Granxa
 14 - Túmulo de Rouxo – Cima de Vila
 15 - Castro de Rubiás – Rubiás
 16 – Túmulos de Fonte da Ra – Pereira
 17 – Túmulos de Penedos do Chan – Pereira
 18 – Castro de Seoane – Seoane
 19 – Túmulos de Os Pedrouzos – Pereira
 20 – Túmulo de A Mota - Corvelle
 21 – Conjunto Tumular de Outeiro de Augas – Aldeia de Arriba
 22 – Túmulos de A Moa – Aldeia de Arriba
 23 – Túmulos do Monte de Calvos – Ribas
 24 – Túmulos de O Vieiro – Martiñán
 25 – Castro de Sarreaus – Sarreaus
 26 – Túmulos de A Fonte Santa – Martiñán
 27 – Túmulos de Penamá – Carpazás
 28 – Túmulos de As Terras Brancas – Vilar

29 – Túmulos de As Laxas – Trarigo
 30 - Achados arqueológicos do Bronze Monte Areeiro – Vilar
 31 – Castro de Fervenza – Fervenza

— Limite do concelho de Bande
 — Caminhos



14. Cabeça de Guerreiro encontrada no Castro de Rubiás
Museu Arqueológico Provincial de Orense

como os castros de: Sarreaus, Fervenza, Seoane, Lobosandaus, Pena Maior e Rubiás. Este último castro situa-se a meia encosta, numa zona plana, estando defendido, a Norte, pelo vale do rio Cádós, a Este e Sul, pelos pequenos, mas profundos, ribeiros e a Oeste, por uma muralha e um fosso (hoje desaparecidos devido à ocupação por parte da população de Rubiás). A 24 de Outubro de 1935, recebeu a visita de membros da Comissão de Monumentos, entre eles, Lopes Cuevillas, Ramón Otero Pedrayo e Jesus Soria. Com isto, demonstrou-se a importância arqueológica deste castro, destacando-se a qualidade dos objectos achados (uma pequena águia de bronze, frisos, jambas e trísceles dos muros das cabanas, uma inscrição dedicada a Trajano e uma cabeça de guerreiro, que coroava uma fonte da povoação). Este último achado é um dos mais representativos da escultura da época castreja, é datado do século I d.C. e encontra-se, actualmente, no Museu Arqueológico Provincial de Orense. É uma peça com dimensões de 30 x 30 x 20 cm, muito bem executada, parecendo ser feita, pelo seu ar cadavérico, a partir de uma máscara funerária.

“Os ollos son grandes e amendoados pero sen sinalar as pupilas, o nariz prominente e ancha na súa base foi restaurado na punta despois do seu ingreso no museo. A boca pechada ten os labios apenas perfilados e debuxa un rictus de melancólica ironía. O cabelo, indicado por detrás da cabeza por medio dun lixeiro reborde na zona occipital, que algúns autores interpretan como un casco, deixa á vista unhas orellas ben definidas e anatomicamente convincentes. (...) Todas estas características proporcionanlle un carácter individual, case de retrato, que a personaliza e a diferencia doutras cabezas de guerreiros”²⁷.

²⁷ – Informação retirada de <http://www.xunta.es/conselle/cultura/patrimonio/museos/mapour/galego/pezasmes/pm77.htm>

Desde o Megalítico até à Cultura Castreja (passagem de clima Atlântico para Sub Atlântico) a acção do Homem foi um aspecto importantíssimo na transformação da paisagem natural. Os povoamentos integraram e marcaram a paisagem, tornando-a totalmente humanizada. O aumento dos cultivos e a transposição do trabalho das terras altas (pastorícia) para as baixas (horticultura e agricultura) trouxeram um carácter herbáceo às terras. Para além disto, o aperfeiçoamento das técnicas de cultivo (rotação de cultivo) e dos utensílios agro-pecuários talvez tenham levado à sedentarização da população. Prova disso, são os restos de construções de pedra encontrados, não só de muralhas, mas também, de espaços arquitectónicos que, pelas suas dimensões e localização, se pensa terem sido usados como estábulos ou armazéns.

3.2. ROMANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

A romanização do território castrejo foi, sem dúvida, um dos fenómenos mais importantes da história da Península Ibérica. O Noroeste vinha arrastando, desde há já muitos séculos, um modo de vida bastante pobre e conservador. Até ao século II a.C. as vias de comunicação eram apenas de âmbito local e os castros estavam dispersos pelo território. Carlos Alberto Ferreira de Almeida chama-lhe a “Civilização de pedra”²⁸ pela importância dada à habitação (circular e de pedra) na vida quotidiana familiar e social, em oposição a outros autores que lhe dão o nome de Idade do Ferro. Ferreira de Almeida afirma que o ferro não é um elemento capaz de caracterizar esta cultura, pois além de ter sido pouco utilizado, só o foi, já, bastante tarde e de forma rudimentar.

Durante a Segunda Guerra Púnica (218 a.C. a 201 a.C.), quando os romanos tentam atacar o domínio dos cartagineses, a Península Ibérica sofre as primeiras invasões romanas (194 a.C.). Vão-se registando sucessivos confrontos entre os povos indígenas da Lusitânia e os romanos, até que em 137a.C. estes últimos atravessam o rio Douro entrando na Gallaecia²⁹, continuando sempre para Norte até ao rio Lima. Júlio César, entre 61 e 60 a.C., organiza uma campanha, bem sucedida, com duplo objectivo: acabar com o “período Lusitano”, pacificando o território até ao rio Minho; e tornar acessível, por mar e por terra, a Gallaecia (rica em minérios), aproveitando as rotas, anteriormente abertas. À medida que Império Romano avança vai construindo novos caminhos e vias (com base nos caminhos pré-romanos), com fins militares (abastecimento e chegada rápida de reforços). No ano de 19 a.C. a Península Ibérica estava, já, completamente conquistada pelos romanos.

²⁸ – *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 189

²⁹ – “*Gallaecia: termo associado ao antigo reino da Galiza, confeccionado no Baixo-império Romano que abrangia parte do território do norte de Portugal, León e Astúrias.*”

In **Lethes – Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Inverno de 2006 – 2007. n.º 8, pág. 129

“ (...) a romanização foi um longo processo de contágio e de transformação cultural (...)”³⁰, disse Ferreira de Almeida, ao qual se dá o nome de aculturação³¹. Os romanos não quiseram tomar a actual Galiza de uma forma dura e violenta, pelo contrário, reconheceram que se tratava de uma zona distinta do resto da Hispânia e mesmo de todo o Império. Os seus povos tinham uma organização social supra familiar, de cariz indígena, exclusiva e individual. Assim, os romanos implantaram o seu domínio, aproveitando a cultura e tais formas organizativas existentes, embora estas fossem, com o decorrer do tempo, adquirindo novas funções. A introdução de novas técnicas e instrumentos agrícolas, fazem com que a produção aumente e seja mais variada, ao mesmo tempo que se começa a comercializar artesanato de bronze, ouro e cerâmica, iniciando-se, pois, a circulação monetária. Como resultado disso, o latim acabou por se impor como língua oficial, podendo os povos comunicar entre si.

Depois de conquistada toda a Hispânia, o Imperador Augusto, numa grande reforma militar, dividiu-a em duas grandes províncias: Hispânia Citerior (Tarraconensis) e Hispânia Ulterior (Baética e Lusitânia). Nos finais do século I a.C. a Península é dividida em sete conventus³²: Tarraconense, Caesaraugustano, Cartaginense, Cluniense, Asturicense, Lucence e Bracarense (ao qual pertencia a zona de Bande), com capital em Bracara Augusta (Braga). Inseridas nos diferentes conventus, estavam várias comunidades denominadas de populi³³ ou cidades (em Bande era o populi dos Quarquerni), e estes, eram compostos pelos castellum³⁴.

De modo a estruturar, controlar todo o território conquistado e comunicá-lo com o exterior (com Roma), beneficiando, assim, o comércio, várias vias foram abertas. Só na Península Ibérica foram construídas mais de 300 vias (principais e secundárias), aparecendo, por isso, na



15. Mapa da Hispânia Romana – Divisão de Augusto (15 – 13 a.C.)

³⁰ - *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 187

³¹ - “A **aculturação** compreende os fenómenos que resultam do contágio, tendencialmente directo e contínuo, entre grupos ou indivíduos de culturas diferentes, com as seguintes mudanças nos padrões culturais originais de ambas as partes, ou, pelo menos, numa delas, e os diversos problemas daí advenientes.”
In *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 187

³² - Os **conventus** correspondem a distritos administrativos e jurídicos romanos.

³³ - **Populi** ou **Cidade** são termos equivalentes, referentes à mesma realidade. Eram unidades populacionais pertencentes aos conventus e eram compostas por castellum.

³⁴ - **Castellum** eram formas organizativas, correspondentes aos castros. Eram povoados de pequena altura, normalmente fortificados. Eram representados em inscrições em latim, mediante o símbolo de um C invertido.



16. Mapa da Hispânia Romana – Divisão de Diocleciano (298 d.C.)

paisagem Hispânica, algumas obras de engenharia pública. São exemplos disso pontes, aquedutos, estações termais, edifícios para espectáculos, miliários³⁵ e mansões, estabelecimentos de paragem e troca de cavalos. Estes espaços estavam destinados a alojar autoridades, oficiais, chefes de exército e altos funcionários de administração, estando muitas vezes associados a banhos termais. Muitas destas construções evoluíram, convertendo-se em hospitais de peregrinos, pousadas ou lojas, outras foram-se desenvolvendo, criando verdadeiras cidades.

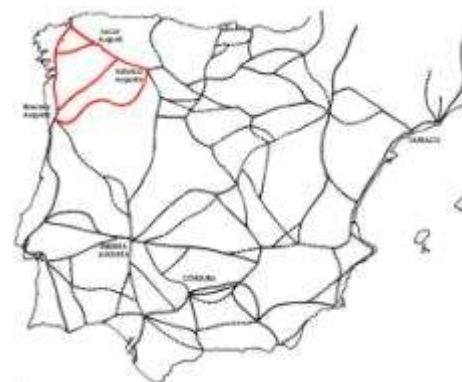
Por volta dos anos 73 – 74 d.C., foi dado pelo imperador Vespesiano (época Flávia), a toda a Hispânia, o direito latino, ou seja, a possibilidade de as comunidades indígenas abandonarem os seus modos de organização e adoptarem a forma organizativa das cidades romanas. O urbanismo castrejo evolui bastante, notando-se ao nível dos arruamentos, quarteirões e da monumentalidade dos povoados, que agora são dotados de muralhas construídas só em pedra (em vez de pedra e terra).

Também no âmbito da organização do território há alterações: a organização militar de Augusto é retirada, saindo todas as Legiões da Península, à excepção da VII *Gemina*, surgindo, então, unidades auxiliares espalhadas pelo território; e a criação de novos núcleos de romanização, como por exemplo a cidade de Aqua Flaviae, que constituiu pequena capital regional, um epicentro romanizador.

Entre os séculos III e IV mais algumas alterações ao nível da administração territorial foram feitas. Caracalla separa a zona da Gallaecia da Hispânia Terraconense, criando a província Hispânia Nova Citerior Antoniana. Mais tarde, Diocleciano divide a antiga província Terraconense em 3 partes, a Gallaecia (anterior Hispânia Nova Citerior Antoniana), a Terraconense e a Cartaginense.

³⁵ – “Os **miliários** (do latim: *miliarium*, a partir de *milia passuum*, “mil passos”) eram os marcos colocados ao longo das estradas do Império Romano, em intervalos de cerca de 1480 metros. Estas colunas de base rectangular eram de altura variável (...). Na base estava inscrito o número da milha relativo à estrada em questão. Num painel ao nível do alhar constava a distância até ao Fórum Romano, bem como outras informações, como os responsáveis pela construção e manutenção da estrada.”
In http://pt.wikipedia.org/wiki/Vias_romanas

No território da Gallaecia três cidades, Asturica Augusta (Astorga), Lucus Augusti (Lugo) e Bracara Augusta (Braga), organizavam o território em conjunto com uma rede viária que lhes foi associada. Inicialmente, esta rede tinha, fundamentalmente, objectivos militares, fazendo parte do Itinerário Antonino, itinerário, este, que reunia as vias mais importantes do Império, no século III d.C. Quatro vias foram construídas para interligar as cidades, todas elas com saída de Bracara Augusta e chegada a Asturica Augusta:



17. Mapa das vias romanas da Península Ibérica

A via n.º XVII começava em Bracara Augusta e de forma quase directa terminava em Asturica Augusta, passando por Aquae Flaviae (Chaves), sendo o seu percurso quase todo feito em terras portuguesas;

A via n.º XIX fazia a comunicação das mesmas duas cidades, mas de forma indirecta, passando nas cidades de Tude (Tui), Iria Flávia (Padrón) e Lucus Augusti, percorrendo, desta forma, o interior do território galego;

A via n.º XX comunicava as duas cidades mas pela zona costeira, tendo um troço conjunto com a via n.º XIX até Aquis Celenis (Caldas de Rei), separando-se em direcção ao porto de Brigantium (Corunha) para depois passar em Lucus Augusti, rumo a Asturica Augusta. Tinha também a designação de Via Per loca marítima;

A via n.º XVIII, também conhecida como Via Nova ou Geira, foi construída por volta de 79d.C., ligava, como as outras três, Braga a Astorga, de forma mais ou menos directa, percorrendo cerca de 325 km, entre Portugal e Espanha. Supõe-se que teria cerca de 7 m de largura, embora nos dias de hoje esteja reduzida a 2 m. Saindo de Bracara Augusta, a via segue por Amares, Terras de Bouro e Parque Natural da Peneda – Gerês, zona onde o traçado se encontra melhor conservado e se localizam mais de 150 miliários, adjacentes ao caminho. Daqui, penetra o território espanhol na Portela do Homem (onde se encontra um



18. Miliários da Portela do Homem



19. Ponte Pedriña

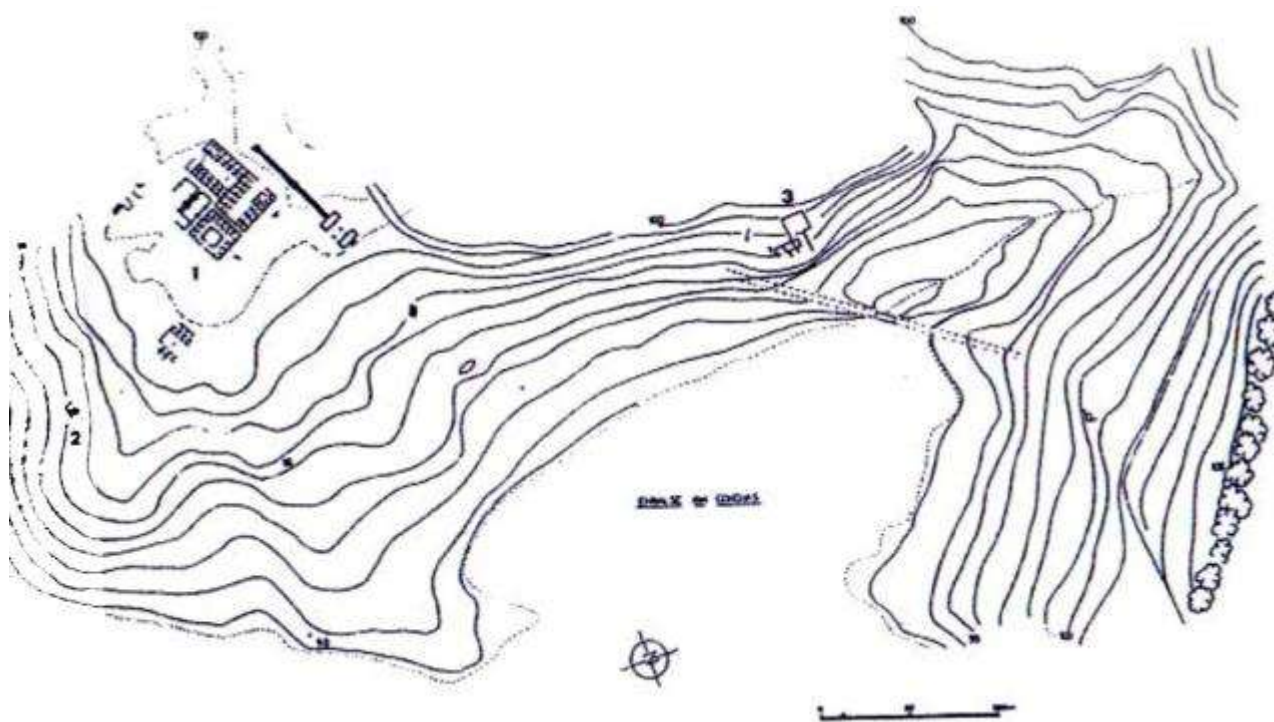
conjunto de miliários) e Parque Natural da Baixa Limia – Serra do Xurés. A caminho de Lobios, a via encontra as termas do Rio Caldo, o seu balneário e os restos da mansão Aquis Originis. Continuando pela margem Sul do Rio Lethes (Lima), atravessa-o na Ponte Pedriña³⁶, actualmente submersa pela Barragem das Conchas e seguindo rio acima, depara-se com o conjunto arqueológico de Aquis Querquennis, em Portoquintela, Bande. Este complexo possuía a terceira mansão desta via, e o acampamento militar de seus construtores. De modo a entrar na Comarca da Limia, o caminho vai até à ponte de Liñares, seguindo pelos vales de Maceda, O Rodicio, Terras de Caldelas e Trives, onde cruzava o rio Bibei, por uma ponte que ainda hoje se conserva totalmente romana. Entrando no vale de Valdeorras, encaminhava-se para o Bierzo, onde se unia com as outras duas vias (n.º XIX e n.º XX) vindas de Lugo, e com destino a Astorga.

A construção da Via Nova serviu para reforçar e desenvolver a rede viária romana, conferindo uma maior mobilidade aos exércitos, permitindo um reordenamento do território e possibilitando o crescimento da actividade mineira e comercialização destes bens.

Tal como o nome indica, Aquis Querquennis, deriva do nome do populi que habitava nesta zona, a sua origem é romana e está certamente vinculada à construção da Via XVIII de Antonino. Pensa-se que quando o Imperador Vespasiano decide unir Braga e Astorga, por um caminho mais curto e interior, de difícil realização, se tornou indispensável a fixação de bases logísticas de partida para o seu traçado e execução. Assim, este complexo militar foi localizado num ponto estratégico de confluência de comunicações com os três conventus do Noroeste (Bracara Augusta, Lucus Augusti e Asturica Augusta) e com o núcleo de Aquae Flaviae. Serviu, durante o último quartel do

³⁶ – “ (...) «na cantaria da ponte ressaltam a rusticada ou almofadas características, como nos restos das pontes do Geres» (...) Xa non tiña peitoris nin calzada – pero conservaba bem os seus dous arcos, un, o maior, de directriz rebaixada (...). Desde un punto de vista histórico a Ponte Pdríña construíuse para dar paso á Via Nova sobre o Río Lima, nun punto onde o val comeza a pechase entre grandes rochas onde asenta os seus cimentos e o río pasa encaixado, ante dos barrancos das Conchas.”

In **Lethes – Cadernos Culturais do Limia**; Centro de Cultura Popular do Limia. Inverno de 2002 – 2003. n.º 4, páq. 95 e 96



20. Planta geral dos achados arqueológicos de Aquis Querquennis

- 1 – Acampamento militar
- 2 – Cabanas
- 3 – Mansão



21. Miliário de Adriano, As Maus



22. Acampamento militar de Aquis Querquennis – Barragem das Conchas



23. Acampamento militar de Aquis Querquennis

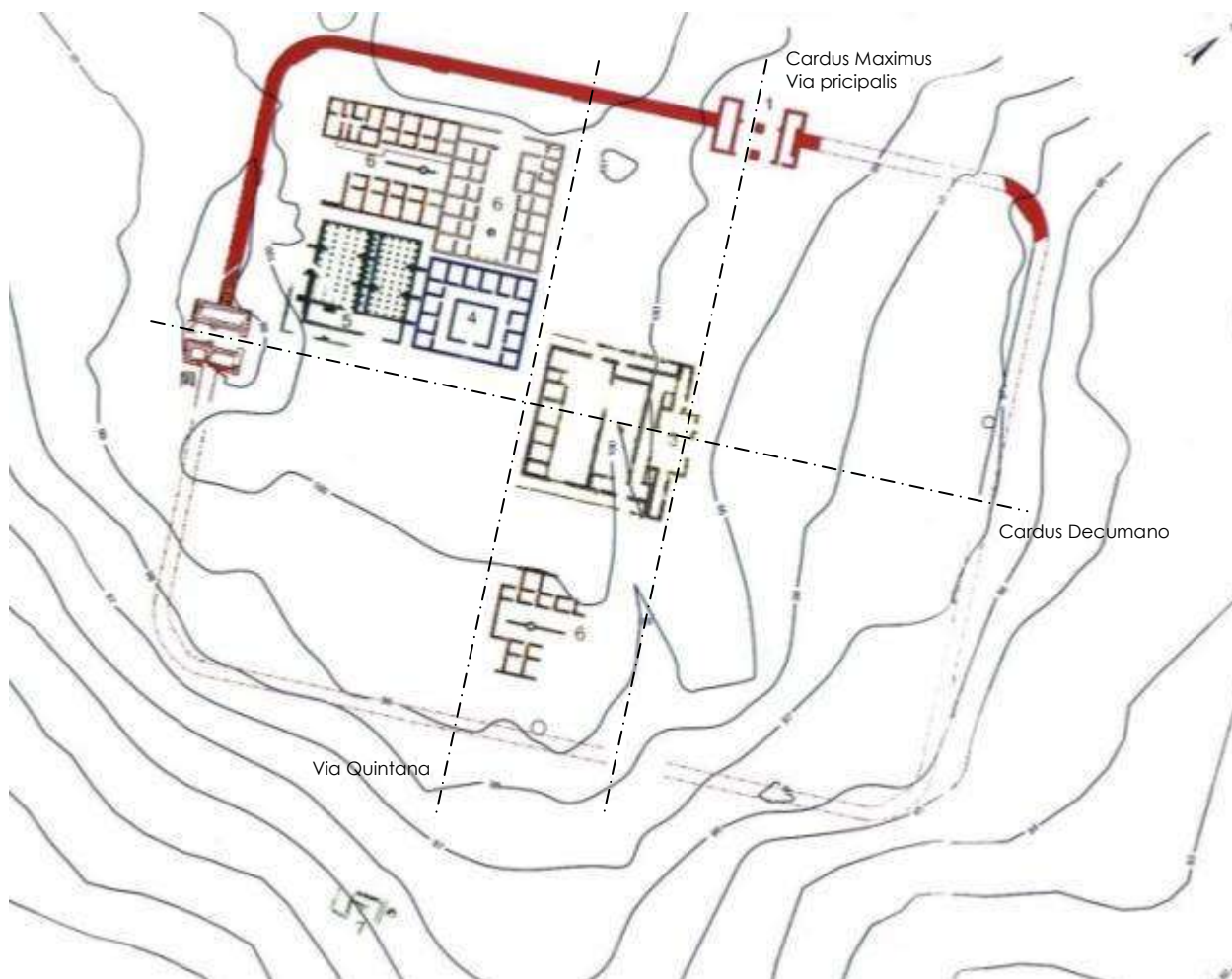


24. Porta Decumana

século I d.C. e meados do II d.C., como base das operações dos engenheiros que traçavam a Via Nova, de residência aos militares que dirigiam e vigiavam a construção e posteriormente foi usado como posto de vigilância da Via Nova.

As primeiras alusões a vestígios do complexo de Aquis Querquennis foram feitas no século XVII, mesmo ainda sem se saber a que obras estavam associadas, tendo sido, primeiramente identificadas como pertencentes ao Aquis Originis de Lobios. Nesta altura, foi encontrado um miliário, em Santa Comba de Bande fazendo referência à distância de XXXVIII milhas até Braga. Depois de bastantes estudos sobre o traçado da Via Nova, Barros Sibelo, a meados do século XIX, consegue associar os Baños de Bande com a mansão de Aquis Querquennis. Mais tarde, o engenheiro M. Díes Sanjurjo localizou definitivamente a mansão, nas proximidades das águas termais da aldeia de Baños de Bande, tendo sido encontrado mais outro miliário (em As Maus), que se pensa ser do reinado do Imperador Adriano, indicando 53 milhas até Braga.

O acampamento militar aparece, pois, localizado numa zona afastada das correntes do rio Lima, mas próximo o suficiente para ter contacto com as águas termais, tornando o ambiente propício à função que o edifício desempenhava. Era o lugar rico em lenha, em pastos e água termal, o local perfeito para quem lá residia. A sua implantação consiste numa planta rectangular, de 176 m, Este – Oeste, e 146 m, Norte – Sul, tendo uma área de 25.700 m². Possui um sistema defensivo constituído por um fosso (5m de largura e 2 m de profundidade) e uma muralha fortíssima, de granito, com quatro portas: a Principalis Sinistra (Norte), a Principalis Dextra (Sul), a porta Decumana, (Oeste) e a porta Praetoria (Este). Para além disto, no interior existe uma espécie de corredor, a toda a volta, de 11 m, sem construção, ao qual se dá o nome de



25. Planta do acampamento militar de Aquis Querquennis



26. Acampamento militar de Aquis Querquennis

- Estruturas escavadas
- - - Traçado hipotético da muralha
- . - . Eixos organizadores
- 1 – Porta Principalis Sinistra
- 2 – Porta Decumana
- 3 – Principia
- 4 – Valetudinarium
- 5 – Armazéns
- 6 – Barracões da tropa
- 7 – Cabanas



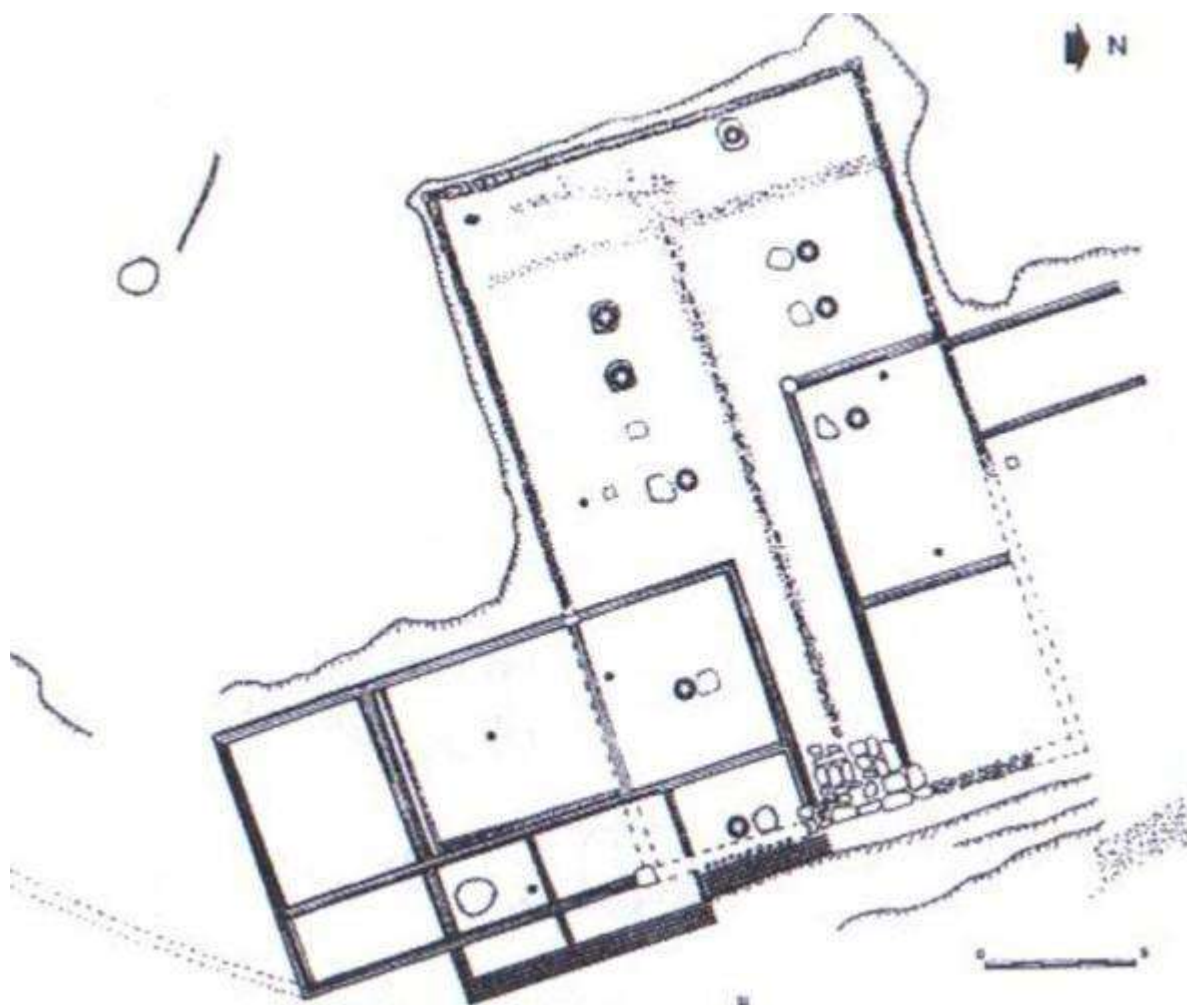
27. Mansão de Aquis Querquennis

Só é possível observar estas construções quando a água da barragem desce.

intervallum. A organização interior é feita à maneira das cidades romanas, com dois eixos perpendiculares, estruturadores da malha ortogonal. O espaço divide-se em três sectores, com as duas ruas principais, o *cardus maximus* (via principalis – N/ S) e o *decumano maximus* (E / O) a atravessarem-no, de porta a porta, e a intersectarem-se no edifício principal, o principia, e uma via secundária, a *via quintana* paralela à via principalis. O primeiro espaço, mais Ocidental, denomina-se sector da retentura e é composto por quatro grandes edifícios, de funcionalidades variadas: dois barracões para albergue de tropas, um edifício de armazéns, repleto de pilotes graníticos e um outro edifício construído em volta de um pátio que seria o hospital (*valetudinarium*); no sector seguinte, *latera praetori*, encontram-se duas construções, uma de maior envergadura, o quartel-general (*principia*) e mais outro barracão de albergue de tropas; no último sector, o da praetentura, não foram descobertos vestígios de quaisquer construções.

A mansão de Aquis Querquennis começou a desenvolver-se alguns anos depois da construção do campo militar, a partir de umas construções que se situavam em redor da zona termal. Depois de abandonado o acampamento, no século II d.C., e suas instalações demolidas, estas, foram levantadas na área onde se situava a mansão. Nas proximidades do campo militar apareceram algumas construções, tipo cabana, das quais não se tem a certeza se pertenceram ao núcleo populacional que se formou junto à mansão ou a construções complementares do campo militar.

A cidade – mansão de Aquis Querquennis foi um elemento importantíssimo para a povoação dos Quarquerni, que a partir do século II d.C. passou a ter o seu núcleo urbano mais marcante da história, denominando-se



28. Mansão de Aquis Querquennis
Só é possível observar estas construções quando a água da barragem desce.

-  Fase 1
-  Fase 2
-  Fase 3
-  Forno do pão
-  Oficinas artesanais
-  Lareiras
-  Pilares de granito

vicus³⁷. Os vestígios arquitectónicos encontrados correspondem a diferentes tipos de edificação: uma espécie de pátio amuralhado, com uma cisterna central; e uma construção com duas zonas distintas, uma com cobertura assente em grossos pilares de granito, contendo um forno para pão, e a outra, com várias divisões, construída de forma mais cuidada, tendo entrada de porta dupla, à qual se acedia, desde o exterior, por umas escadas.

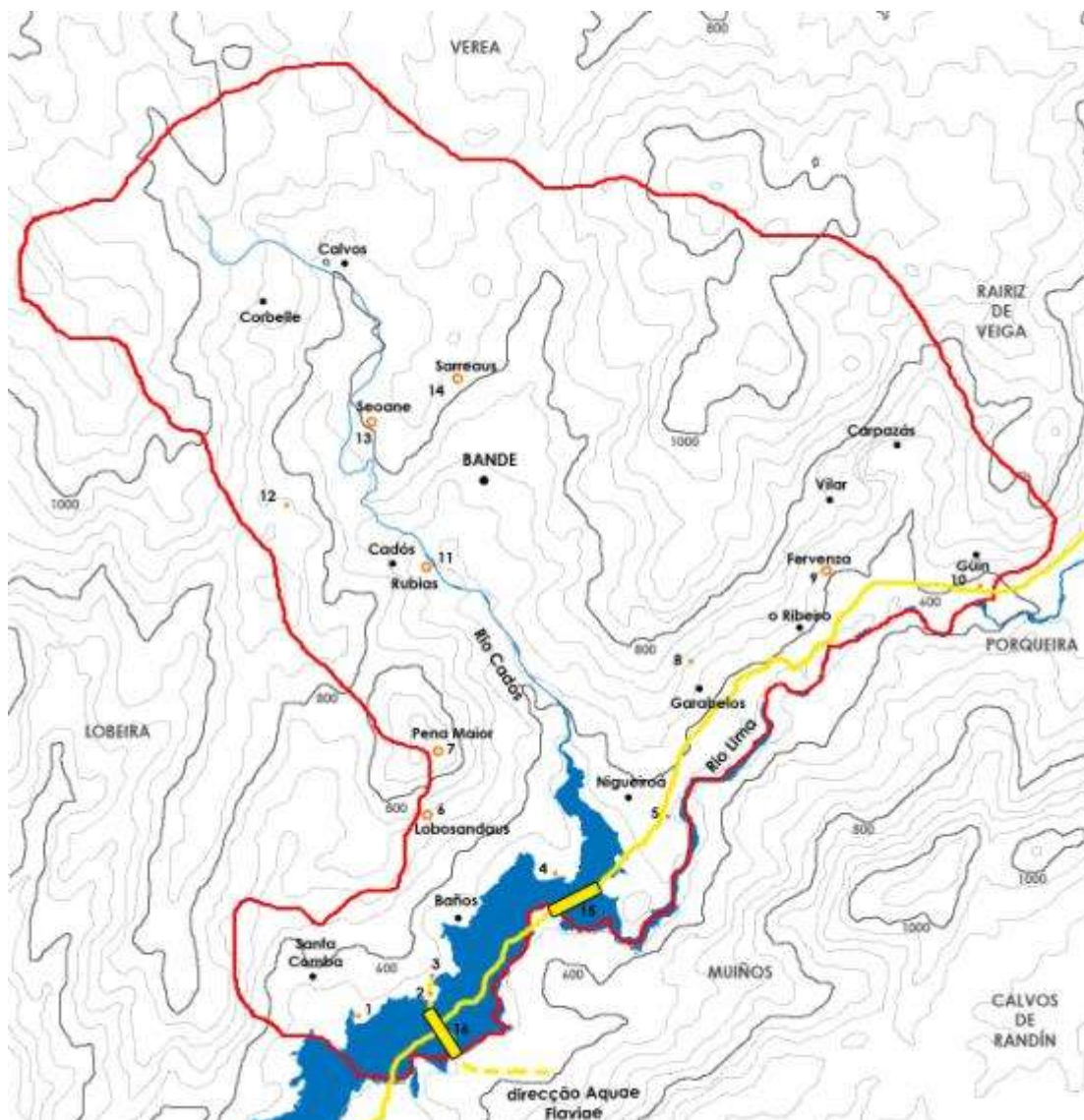
³⁷ – Entende-se por **vicus** um núcleo habitacional de época romana, de importância e desenvolvimento urbanístico consideráveis. Um vicus tem, normalmente, uma dimensão inferior a uma civitas.

³⁸ - **Colmenero, António Rodríguez; Sierra, Santiago Ferrer** _Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis – Actuaciones en el campamento romano (1975-2005); Lugo: Grafic-Lugo, 2006, pág. 19

³⁹ – “O *Parrochiale Suevorum* (*Paroquial Suevo*) ou *Diviso Theodemiri* é um importante manuscrito da segunda metade do século VI, onde se reflecte a organização administrativa e (maioritariamente) eclesiástica do Reino Suevo da Gallaecia, contendo uma relação de 134 paróquias, agrupadas em treze dioceses. A sua importância reside em não existir equivalente na época em nenhuma outra província eclesiástica. Constitui, portanto, uma das referências historiográficas mais importantes para a localização de povos e povoações na Gallaecia pós – romana, nomeadamente, durante o Reino Suevo.”

In http://pt.wikipedia.org/wiki/Parrochiale_suevum

Este complexo romano de Aquis Querquennis (acampamento e mansão) tornou-se num vicus viário de desenvolvimento urbano importantíssimo. Como consequência desse grande desenvolvimento urbano, e referindo Castellá Ferrer³⁸, pensa-se que haveria um caminho, procedente de Aquae Flaviae, que atravessava o rio Lima, entrando directamente pela Via Principalis do acampamento militar, seguindo, depois, até à mansão viária. As informações contidas no *Parrochiale Suevum*³⁹ revelam que este núcleo urbano foi habitado muito para além do século V, sendo também mencionado como villa e *eclesiae altomedieval*, precedente à actual freguesia de Porto Quintela.



29. Mapa dos achados arqueolóxicos romanos do concello de Bande

1 – Achados romanos de A Telleira – Santa Comba
 2 – Acampamento militar de Aquis Querquennis – Porto Quintela
 3 – Conjunto arqueolóxico de Aquis Querquennis – Os Baños
 4 – Achados romanos A Veiga de Maus – Maus
 5 – Achados romanos A Veiga de Nigueiroá – Nigueiroá
 6 – Castro de Lobosandaus – Lobosandaus
 7 – Castro de Pena Maior – Vilela
 8 – Achados romanos Alto da Mazorra – Sordos
 9 – Castro de Fervenza – Fervenza
 10 – Tramo de calçada da Via Nova – Güin
 11 – Castro de Rubiás – Rubiás
 12 – Achados romanos Cacheverga – Pereira

13 – Castro de Seoane – Seoane
 14 – Castro de Sarreaus – Sarreaus
 15 – Ponte Pedriña
 16 – Ponte da vía que chegava de Aquae Flaviae

— Limite do concello de Bande
 — Via Nova
 - - - Via procedente de Aquae Flaviae
 ■ Pontes

3.3. DAS INVASÕES GERMÂNICAS AO PROCESSO DE CRISTIANIZAÇÃO DO NOROESTE PENINSULAR



30. Mapa dos povos Germânicos na Península Ibérica – século V

Até ao início do século V os romanos viveram em harmonia com os povos da Península Ibérica, conseguindo mesmo impor os seus valores administrativos e organizativos.

A partir de 409 começam a chegar à península os povos germânicos, vindos do Norte da Europa. Perante a inactividade das tropas oficiais, Vândalos, Suevos e Alanos não encontraram qualquer oposição, instalando-se, depois de vários anos de pilhagem, no Noroeste peninsular. Sem existir algum tratado de hospitalidade, e segundo um sorteio, a 411, os Vândalos ocuparam o território pertencente ao conventus Lucense (Lugo) ao passo que os Suevos se fixaram na região Ocidental e litoral do Oceano Atlântico (conventus Bracarense). Assim, considera-se a zona entre Douro e Minho como base política e territorial do reino suevo. Até ao ano de 419, o território peninsular viveu tempos de relativa paz, passando as décadas seguintes em sucessivos conflitos entre Suevos e Vândalos Hasdingi⁴⁰. Os Vândalos abandonam a Península, fazendo com que os Suevos avançassem para o interior da Galaecia, encontrando resistência por parte das elites galaico-romanas.

A chegada dos Suevos à Península, aliada à progressiva perda de poder do Império Romano, fez com que, tanto social como territorialmente, o interior e a zona costeira do Noroeste ficassem fragmentados. Depois de vários acordos de paz com os galaico-romanos, os Suevos tentam expandir-se para Sul, conseguindo conquistar sucessivamente várias cidades como: Mérida, Mértola e Sevilha. Em seguida fazem, também, expedições de saque aos Vascones, nas regiões de Zaragoza e Lérida. Face a esta violência, o rei Teodorico II (visigótico) a mando de Roma, aniquila todos os Suevos na batalha do rio Órbigo,

⁴⁰ – O povo dos Vândalos dividia-se em dois grupos, os Hasdingi e os Silingi. A 409 quando cruzam os Pirinéus, os primeiros fixam-se na Galaecia (Noroeste) e os segundos na Baética (Sul).

perto de Astorga. Em 456, Requiário, rei dos Suevos, é capturado no castro do Portucale (Porto) ditando o final definitivo do Reino Suevo.

Como consequência da morte de Requiário, a zona costeira do conventus bracarense passa a ser atacada, constantemente, por parte dos Visigodos. As pequenas estirpes suevas, que continuavam a habitar a zona em redor do castro de Portucale, acabariam por ser, mais tarde, a 585, anexadas ao reino Visigodo. Assim, a monarquia visigoda, com capital em Toledo, levou a cabo algumas transformações territoriais e administrativas que visavam a unificação e centralização da antiga província da Gallaecia. Para isto, foi criada, por Levogildo, uma hierarquia de poderes, encabeçada pelos rectores provinciae (governadores provinciais), seguida dos comités civitates (condes da cidade) que teriam uma forte influência sobre os comitatus⁴¹.

Em 589, o rei Recaredo (filho de Levogildo) converte-se ao Cristianismo, conseguindo, assim, a tão desejada unificação religiosa na Gallaecia. A partir desta altura, o Estado e a Igreja passam a ter uma relação mais próxima, resolvendo os problemas administrativos e territoriais em conjunto, assentando numa política de conservação do património eclesiástico, na reorganização territorial das províncias eclesiásticas, convocando, para isto, concílios. Num dos Concílios de Toledo, aparecem mencionadas as nove dioceses da província, entre elas: Asturica (Astorga), Auria (Orense), Britonia (Santa Maria de Bretoña, perto de Mondoñedo), Dumio (Perto de Braga), Iria Flávia (Padrón), Lucus Augusti (Lugo) e Tude (Tui). Por tudo isto, na época visigoda foi notório o aumento do número de igrejas, especialmente nas zonas mais rurais, não só pela iniciativa dos bispos mas também por parte de particulares ou monges.

⁴¹ – “**Comitatus** é uma relação da sociedade feudal entre o suserano e o vassalo. Para além de trabalhar nas suas terras, o vassalo servia nas terras do seu suserano e fornecia-lhe serviço militar em troca de terras, segurança, e/ou privilégios.” In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Comitatus>



31. Lápide de Alepius - Aquis Querquennis

Com Orense elevado a diocese, era certo que vários núcleos, menos desenvolvidos, à sua volta, iriam ganhar estas novas construções religiosas. Foi neste tipo de núcleo, rural e distante, que se observou uma espécie de organização rudimentar, partindo da construção de edifícios de carácter secundário. Estes edifícios não eram mais que pequenas ermidas, executadas com materiais simples.

Nos finais do século VI, o vicus de Aquis Querquennis já teria evoluído, tornando-se num núcleo religioso de alguma importância e dimensão. Num dos seus extremos foram encontrados alguns sarcófagos e uma lápide, referente ao enterramento do jovem Alepius, conservada, hoje, no Museu da Catedral de Orense. A sua inscrição dizia:

*"Recesset Alepius
in nomene Xp(isti) anno
rum XVII X k(a)l(endas) Novem
bris era DXLVII"*⁴²

Morreu Alepius em nome de Cristo,
aos 17 anos, no décimo dia antes das
calendas⁴³ de Novembro da era
547 (ano de 509).

Neste mesmo local, esteve, até meados do século passado, a Igreja de San Juan de Baños de Bande. Pensa-se que no processo de evangelização e cristianização, levado a cabo pelos presbíteros (enviados pelos bispos para os meios rurais) este edifício teria função baptismal e sacramental. Assim, esta igreja seria um local de grande importância, servindo liturgicamente as populações em redor, visto estas estarem bastante distanciadas das sedes episcopais de Braga e Orense. Há, ainda, referência, nos documentos do Mosteiro de Celanova, a outra igreja, no

⁴² – in Colmenero, António Rodríguez; Sierra, Santiago Ferrer _Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis – Actuaciones en el campamento romano (1975-2005); Lugo: Grafic-Lugo, 2006, pág. 155

⁴³ – "As **calendas**, no antigo calendário romano, eram o primeiro dia de cada mês quando ocorria a Lua nova. Havia três dias fixos: as calendas, as nonas e os idos. (...) É desta palavra que se originou o termo calendário (...)." In <http://pt.wikipedia.org/wiki/Calendas>

mesmo local que a anterior, dedicada a San Martín. Ambas se situavam junto às águas termais de Baños, nas proximidades do Rio Lima "*iuxta aquas calidas ripa Limie*"⁴⁴.

A cerca de 1 km de distância de San Juan de Baños situa-se a Igreja de Santa Comba de Bande, datada do século VII, e considerada uma testemunha do sentido prático e simbólico conferido aos edifícios religiosos da época visigótica. Todos estes elementos fazem com que se possa afirmar que o Aquis Querquennis tenha sido a sede de uma pré-paróquia, já no século VI.

A 711 d.C. os árabes entraram na Península Ibérica, no entanto, pode-se afirmar que a sua influência não se fez sentir muito no Noroeste peninsular. A sua instalação no resto da Hispânia fez com que a organização territorial e o poder do reino Visigótico se fragmentassem de forma definitiva. Os árabes foram expulsos do Norte da península a 722, na Batalha de Covadonga, assegurando-se, assim, a permanência do cristianismo nesta região.

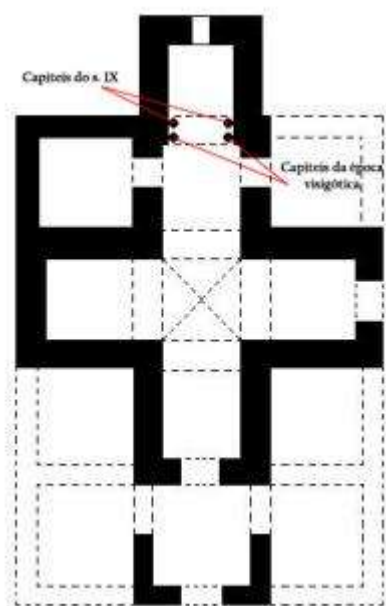
O reino das Astúrias foi o primeiro a conseguir libertar-se do domínio árabe, graças à sua localização estratégica, entre altas montanhas. Foi, então, a primeira entidade político – administrativa a estabelecer-se na península, após a queda do reino visigodo, iniciando o processo da Reconquista Cristã.

Até 791, a Gallaecia viveu períodos de total ausência de autoridade real, do qual resultou um retrocesso da urbanidade já adquirida. Este processo de ruralização levou a um abandono da vida urbana, começando as comunidades a organizarem-se em pequenos núcleos dedicados à pastorícia. Nesta altura, Afonso II, Rei das Astúrias, fixa a capital do reino da Galiza em Oviedo. Por volta do ano de 865, segundo o reinado de Ordoño I, o esforço de reestruturar e organizar de novo o território da península incidiu no espaço compreendido entre os rios Douro e Minho, com tentativas de ampliação

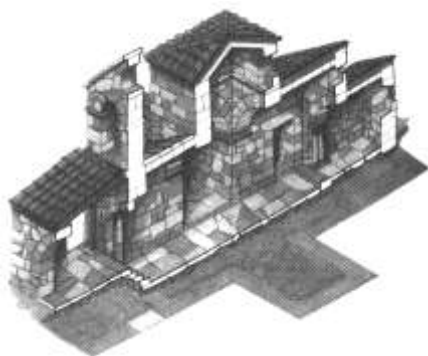


32. Reino das Astúrias – século X

⁴⁴ – in VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantigues d'Hispania: Cristianització i topografia; Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, Ajuntament de València, Universitat de València, Universitat de Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2005, pág. 109



33. Planta da Igreja de Santa Comba de Bande



34. Corte longitudinal - Igreja de Santa Comba de Bande

do espaço urbano, através do restauro ou criação de uma rede de igrejas urbanas e suburbanas. Para além de Orense ter sido anexado ao reino, ainda se restaurou como sede episcopal, juntando-se a Celanova e Braga (que controlavam o território), Chaves, Porto e Guimarães.

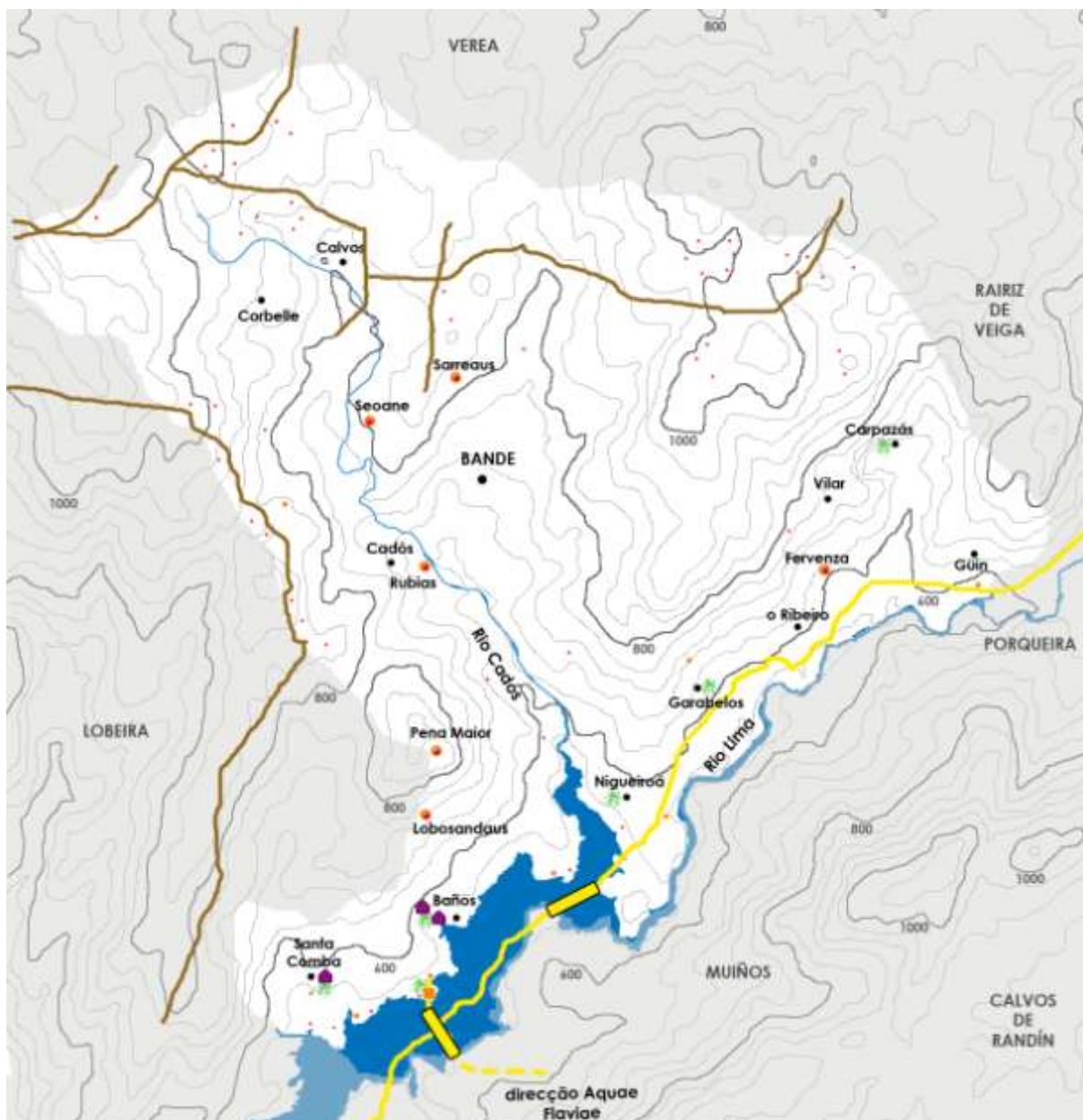
O reino Asturiano, no seu acto de repovoação e organização, restaurou as antigas igrejas visigóticas, abandonadas durante a ocupação árabe, com influências da corrente migratória Moçárabe⁴⁵, proveniente do Sul.

Um destes exemplos de restauro é a igreja de Santa Comba de Bande (visigótica). No ano de 982, foi documentada a ordenação do rei Afonso III para que se repovoassem as margens do rio Minho e se restaurassem as igrejas que aí existissem, vindo esta igreja mencionada no documento. Santa Comba de Bande caracteriza-se pela sua planta cruciforme, com várias câmaras laterais, individualizadas, notando-se a influência do eremitismo. Os asturianos tentaram combinar uma nova estética com os elementos da primitiva construção. Assim, reconhecem-se no interior um par de capitéis visigóticos, que foram mantidos, embora se tivessem construído, mesmo ao seu lado, outros, datados do século IX.

São variados os exemplos de construções moçárabes existentes na província de Orense. À medida que o bispado de Braga e as entidades monásticas de Celanova ordenavam, iam sendo construídos edifícios de culto, capazes de formar novas villaes⁴⁶. Estas villaes passaram a definir um tipo de assentamento, em vale, de povoação dispersa, assente numa agricultura e pastorícia sedentárias, aproveitando as terras férteis regadas pelos rios. A rede de igrejas gerada deu origem a uma estruturação e organização do território, constituindo, pois, pólos organizados e hierarquizados entre si.

⁴⁵ – Os **moçárabes** eram cristãos que viviam na Península Ibérica, sob o governo Muçulmano, que acabaram por assimilar a cultura árabe, como por exemplo a sua língua, os seus costumes e a sua arquitectura.

⁴⁶ – Aqui, villaes entende-se como um conjunto populacional implantado num determinado território, e não como uma unidade de exploração agrícola da época romana.



35. Mapa da evolução histórica do concelho de Bande

- Caminhos pré romanos
- Achados arqueológicos pré romanos
- Achados arqueológicos romanos
- Acampamento romano Aquis Querquennis
- Via Nova
- Via procedente de Aquae Flaviae
- Pontes romanas
- Igrejas visigóticas
- Assentamentos populacionais mencionados no séc. X

"Portoquintela" (*San Juan de Baños de Bande, Ourense*). Mencionado em 905-12-02: *ecclesias vocabulo Sancti ncti Iohannis. Et sunt ipsas ecclesias iuxta aquas calidas ripa Limie prope*

aulam Sancte Columbe virginis sub crepidine montium castro Vemes (...) per suis terminis antiquis (...)

Carpazás (*San Pedro de Fiz de Carpazás, Ourense*). Mencionado em 941-06-24: *Vendimus vobis in ipsa villa nostra ratione ab integro, per suos terminos antiquos dividet (...) et villa de Carpazanes (...)*

Garabelos (*San Xóan de Garabelos, Ourense*). Mencionada como villa em 941-06-24: *Vendimus vobis in ipsa villa omne nostra ratione ab integro, per suos terminos antiquos quomodo divide (...) et villa de Garavelos (...)*

Nigueiroá (*Santiago de Nigueiroá, Ourense*). Mencionada como villa em 941-06-24: *Vendimus vobis in ipsa villa omne nostra ratione ab integro, per suos terminos antiquos quomodo*

dividet, cum illa de Nogariola (...)

Santa Comba de Bande (*San Torcuato de Santa Comba de Bande, Ourense*). Mencionada com *ecclesia y villa* em 905-12-02: *Et sunt ipsas ecclesias iuxta aquas calidas ripa Limie prope aulam Sancte Columbe virginis sub crepidine montium castro Vemes (...); 982-10-11: et Sancte Columbe virginis et martiris que iaceban in exqualido de ducentis annis aut plus et eam populasset (...) in ipsa casa vel in ipsa villa per suis terminis antiquis et locis (...)*

López Quiroga, Jorge _ *El final de la antigüedad en la Gallaecia: la transformación de las estructuras*; La Coruña: Barrié de la Maza, 2004, pág. 524 e 525

3.4. DIVISÃO DA HISPÂNIA EM REINOS

Os reinos cristãos do Noroeste Peninsular estavam intimamente relacionados com a continuidade da tradição romana e visigoda. Ao longo dos séculos X, XI e XII, as constantes disputas, e consequentes guerrilhas, existentes entre os reis e seus filhos, fizeram com que a Hispânia se dividisse e juntasse, várias vezes, constituindo-se os reinos de Leão, Astúrias, Galiza, Portugal, e mais tarde, Navarra, Castela e Aragão.

A 910, Afonso III, o Grande, já no final do seu reinado, pressionado pelos seus três filhos, García I, Fruela II e Ordoño II, dividiu a Hispânia em três reinos, Leão, Astúrias e Galiza, concedendo um a cada um dos seus filhos. A constante hostilidade entre irmãos fez com que o Reino da Galiza se mantivesse, durante alguns anos, isolado do resto do território. A 914, Ordoño II, rei da Galiza, foi proclamado, também, rei das Astúrias e, mais tarde, de Leão.

Assim, já no reinado de Afonso VI (1065 – 1109), e como forma de agradecimento aos diferentes líderes de exércitos estrangeiros, que ajudaram nas várias batalhas, este rei, concedeu, para além da mão das suas filhas, alguns territórios para governação. O reino da Galiza ficou, desta forma, a governo de Raimundo de Borgonha, marido de D. Urraca, filha de Afonso VI; ao passo que, Henrique de Borgonha, casou com D. Teresa, outra filha do Rei, em 1095, sendo-lhe cedido o Condado Portucalense, que continha as terras implantadas entre os rios Douro e Minho.

A 1111, Afonso VII, filho de D. Urraca, é coroado como rei da Galiza na catedral de Santiago de Compostela e, no ano seguinte dá-se a morte do rei do Condado Portucalense, Henrique de Borgonha. Perante isto, e visto Afonso Henriques, filho deste rei, ser ainda menor, foi D. Teresa, viúva, que passou a governar o

condado. Esta, governava o reino de forma próxima à política galega, de Afonso VII, o que não agradou, nem ao arcebispo de Braga, nem aos aristocratas portugueses, interessados no poder territorial que pudessem vir a ganhar com a independência do condado, em relação ao resto da Galiza. Assim, duas forças distintas formam-se, uma liderada por D. Teresa, e seu novo marido, Fernán Pérex de Trava, e outra, oposta, comandada por Afonso Henriques, filho de Teresa. Face a este clima de discórdia, o rei da Galiza, Afonso VII, desloca-se ao Condado Portucalense pedindo fidelidade para com a Galiza. Como este acordo não se verificou, a 1128, o condado é invadido pelas tropas de D. Teresa e Fernán, dando-se a Batalha de São Mamede, da qual saem vitoriosas as tropas portucalenses. A consolidação das terras entre Douro e Minho como um reino independente dá-se com a morte de D. Teresa e com a Batalha de Ourique, a 1139, tornando-se, D. Afonso Henriques o primeiro rei de Portugal em 1143.

O período de instabilidade vivido até aqui, nestas terras fronteiriças da Galiza e Portugal, continuaria, mais tarde, na altura em que o rei D. Pedro I de Espanha morre, a 1369, e lhe sucede Henrique de Trastâmara, candidato senhorial, o qual não foi reconhecido por parte da nobreza galega. Assim, não contentes com esta situação, proclamam Fernando I de Portugal como seu rei, assegurando-lhe o seu apoio partidário e algumas villas como menagem tendo sido a sua entrada no reino da Galiza aclamada por todos. Durante o pouco tempo que governou a Galiza, Fernando I restaurou algumas praças / fortes como as de Tui e Baiona e liberalizou o tráfego comercial entre Portugal e a Galiza, abastecendo de cereais e vinho, por via marítima as populações galegas isoladas. No entanto, Henrique de Trastâmara, ajudado por mercenários, organizou uma campanha, obrigando o rei a abandonar o território e a voltar para Portugal.



36. Mapa dos reinos da Hispânia e do Condado Portucalense (a laranja)

A 1467 dá-se mais uma revolta nas terras galegas, desta vez, preparada pelos irmandinhos⁴⁷, denominada A Grande Revolta Irmandinha, e foi, provavelmente, uma das maiores revoltas europeias de todo o século XV. Face a um clima de instabilidade, graças à conjuntura de crise social (provocada pela fome, epidemias e abusos por parte da nobreza ao povo) e política (guerra civil em Castela), a Santa Irmandade reagiu, para que o povo, sofredor nas mãos dos nobres, tivesse melhores condições de vida. Assim, os irmandinhos, governaram o reino da Galiza, durante dois anos (período durante o qual decorreu a revolta), formando Juntas que determinavam a destruição de castelos e fortificações, recrutavam exércitos, tentando que a justiça fosse implementada. Ao fim destes dois anos, e com os seus cabecilhas assassinados, a nobreza galega reconquistou o seu poder, ajudada pelos castelhanos.

Com todas estas guerrilhas, durante vários séculos, o reino galego tinha perdido o seu poder de voto nas cortes. A 1518, as cidades e vilas mobilizaram-se na tentativa de reaver esse direito perdido. No entanto, só em 1623, o reino conseguiu recuperar o seu direito, pagando uma multa de 100.000 ducados.

Já no início do século XIX, e depois da época dos descobrimentos, onde Portugal e Espanha tiveram um papel preponderante, os espanhóis aliaram-se aos franceses, de modo a derrubar os ingleses e manter a sua supremacia nos mares mundiais. A 1805, na Batalha de Trafalgar, o exército hispano-francês foi derrotado. Sabendo que os portugueses eram aliados da Inglaterra, Napoleão Bonaparte, após ter ganho poder, no triunfo da Revolução Francesa⁴⁸, com a ajuda dos espanhóis, organizou uma invasão a Portugal. Com isto, tencionava atingir, ainda que indirectamente, os interesses comerciais ingleses. Napoleão, ordenou, então, a invasão a Portugal, o que originou o que se conhece como a Guerra Peninsular,

⁴⁷ – “A denominación **irmandiños** ten as súas orixes literarias e historiográficas no galeguismo de principios do século XX, que traduciu ‘hermandinos’ por ‘irmandiños’, cunhas connotacións de proximidade e afectivas que non ten en castelán. A documentación coetánea e na tradición favorable ulterior identificaos máis ben pola institución, “Santa Irmandade do Reino de Galicia”, describindo ós seus compoñentes xeralmente como “pueblos y gente común”, e nalgún caso como palabras «hermanos». in http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/historia_medieval/xacobeo.htm

⁴⁸ – A Revolução Francesa deu-se de 5 de Maio de 1789 a 9 de Novembro de 1799 e com ela a situação política e social da França foram alteradas. Foi impulsionada pelos ideais iluministas e pela independência americana e teve como propósito derrubar o Antigo Regime e a autoridade que o clero e a nobreza detinham.

que durou cinco anos, e envolveu Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e França, tendo repercussões em toda a Europa. Um dos locais escolhidos, pelos franceses, para a entrada em Portugal, foi, precisamente, na Galiza, no espaço compreendido entre Douro e Minho.

Durante vários séculos, este território, a que hoje corresponde a Galiza, foi palco de inúmeras guerras, lutas de poder, conquista e reconquista de terras. O local onde se encontra Bande transitou de galegos para portugueses e de portugueses para galegos. Os limites de cada país não eram certos e esta zona foi, durante muito tempo, motivo de ataque, de saques, de mortes, mas também de transmissão de cultura e modos de vida, habitando, aí, um povo meio português, meio galego. Era uma porção de terreno, que limitava o espaço de Portugal e Espanha, e que, nos inícios do século XX, ainda serviu de exílio a um grupo de monárquicos portugueses que tentavam organizar uma conspiração contra a República, a Janeiro de 1911.

3.5. CONCLUSÃO

*"A ideia e a propia realidade de Galicia non é nen debe ser, adóptase a perspectiva que se adopte, un punto de partida. Galicia é, ao contrario, o resultado dun longo proceso; é un punto de chegada no que nós nos encontramos"*⁴⁹.

Observando os mapas dos assentamentos do concelho de Bande, desde a época pré romana até à formação das primeiras paróquias (século X), pode entender-se, de forma mais clara, o processo de evolução territorial e de fixação dos povos. A Galiza de hoje, não é mais que a soma e sobreposição de vários "layers", criados pelos povos que sucessivamente a habitaram, deixando as suas construções, a sua cultura, a sua língua e até mesmo as suas formas organizativas.

*"De todas formas, a continuidade histórica de Galicia foi tan grande, debido á falta de industrialización e á marxinação histórica do resto da península, que ainda se pode afirmar que somos herdeiros directos dunhas formas organizativas e de vida que naceron no período que estudamos no referido Curso"*⁵⁰.

No concelho de Bande, como se pode constatar pelos mapas, os rios Cadós e Lima, principalmente este último, foram um dos factores de maior importância para a fixação da população. Na época pré romana, os locais onde se encontrou maior concentração de achados arqueológicos correspondem, não só, aos percursos destes rios, mas também, aos locais de maior altitude. Com a chegada dos romanos presenciamos um processo de despovoação das cadeias montanhosas, passando o vale do rio Lima a representar o eixo de maior povoamento. Por

⁴⁹ – *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 10

⁵⁰ - *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 11

outro lado, as vias de comunicação estabeleceram um padrão de assentamento territorial. Ao longo dos caminhos (tanto pré romanos como romanos – Via Nova) foram-se edificando os núcleos, que até hoje marcam fortemente o território de Bande. A Via Nova impulsionou o povoamento ao longo do seu percurso, tendo sido criado o acampamento militar de Aquis Querquennis, a sua mansão viária e o consequente núcleo que se gerou ao seu redor.

“Podemos asegurar que a influencia dos romans en Galicia foi tan grande que sem eles non habería Galicia, tal como a coñecemos historicamente e aínda agora”⁵¹.

Alguns séculos mais tarde, os povos que se seguiram aos romanos deram continuidade à utilização desta via, continuando a desenvolver as villaes que aí existiam. Perante a jurisdição de Celanova começaram-se a construir edifícios de culto cristão, também estes próximos da Via Nova e do rio Lima, formando, então, pré paróquias (Santa Comba de Bande e Baños de Bande). No século X, são já vários os aglomerados populacionais mencionados nos documentos do Tombo de Celanova, tais como: Porto Quintela, Carpazás, Garabelos, Nigueiroá e Santa Comba de Bande.

O território da Galiza esteve, durante muitos séculos, envolto em guerrilhas de poder, por parte de seus governantes. Os seus limites foram alterados vezes sem conta, desde a época dos romanos, da formação dos reinos espanhóis, da fundação da nacionalidade portuguesa até à sua desapareição como reino. Durante o século XII, especialmente no final, verificou-se na Galiza um rápido crescimento populacional. Nos meios mais rurais mais terras eram trabalhadas, sob direcção dos grandes mosteiros. Isto levou a que a produtividade aumentasse, verificando-se alterações a nível económico e social, tais como mudanças de mentalidade que levaram a uma

⁵¹ - *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983, pág. 11

renovação religiosa, pela mão das ordens mercantes (franciscanos). Foi nesta altura de grande prosperidade que se construíram os edifícios religiosos românicos.

É a partir deste esforço, por compreender os fenómenos de evolução e funcionamento galaicos, que se tenta conhecer o modo como se formou o sistema paróquias, que, ainda hoje, impera, e é tão característico desta organização de território, das suas gentes, das suas formas de habitar na paisagem que é, para além de tudo, histórica.

4. IDENTIFICAÇÃO DO OBJECTO DA INTERVENÇÃO

4.1. ANÁLISE FORMAL DE NIGUEIROÁ

Nigueiroá é uma das doze paróquias pertencentes ao concelho de Bande e situa-se nas proximidades do encontro do rio Cadós com o rio Lima. É formada pelos lugares de O Viñal, de Quintá e de O Outeiro, e tem como santo padroeiro Santiago de Nigueiroá. Nos últimos censos, efectuados pelo Instituto Galego de Estatística (IGE), esta paróquia era definida por uma superfície de 2,4 Km² e um total de 74 habitantes⁵². A sua população é bastante envelhecida graças à migração que se verificou nas faixas etárias mais baixas, tendo-se, estas, deslocado para a cidade de Orense.



37. Concelho de Bande
Localização da paróquia de Nigueiroá

Toponímia

A toponímia desta freguesia, tal como no resto do Noroeste Peninsular, está intimamente relacionada com a sua paisagem e a sua vegetação. Tanto as árvores como os seus frutos marcaram intensamente toda a toponímia galega e portuguesa (do noroeste), sendo raríssima a freguesia que não apresente um topónimo com eles relacionado, mostrando, assim, a sua importância na nossa cultura.

O termo Nigueiroá provém da palavra *Nogueira*, que, etimologicamente, "*é um fitotopónimo que coincide co nome da nogueira (Juglans regia), do latín nucaria, a árbore que dá a noz, do latín nuce*"⁵³. Relacionado com este vocábulo aparecem outros nomes de povoações, tais como: Nogueira, Nogueiras, Nigueiroa, Nogueiroa, Nogueiro, Nogueiros, Noceda, Nocedo, Nogal, Noguedo, Nogueda, Nogueiredo⁵⁴. Já o nome do lugar de O Viñal relaciona-se com a palavra viñas, do latín *vineas*, e sabe-se

⁵² – Informação retirada do PXOM de Bande

⁵³ - **González, Frutos Fernández** _ Nomes do Robeiro; O Carballiño: Instituto de Estudios Carballiñeses, 2007, pág. 196

⁵⁴ – Informação retirada de **González, Frutos Fernández** _ Nomes do Robeiro; O Carballiño: Instituto de Estudios Carballiñeses, 2007, pág.196

que o Noroeste Galego apresenta cerca de setenta lugares com nomes relacionados com este topónimo. A vinha foi introduzida nos cultivos galegos no período medieval e prova disso são as palavras do abade Pelaxio de San Clodio, no ano de 1158, que Frutos González cita no seu livro "...plantavi vineas, quae ibi non erant; rupi montes multos, populavi hereditates..."⁵⁵, que significa: ...plantei vinhas, que ali não existiam; desbravei muitos montes, populei herdades....

Ainda relacionado com a paisagem, mas não com a vegetação, temos o lugar de O Outeiro, um dos quinhentos lugares da Galiza com este nome. A etimologia deste termo "*vén do latín altarium, de altus 'alto', despois da característica vocalización l>u ante consoante. No latín clásico soamente existia no plural, altaria, e significaba a parte alta dos altares. A acepción toponímica de sitio elevado vén, sobre todo, do latín falado No noroeste da Península Ibérica. A cadea evolutiva foi: altariu >outario>outeiro, ca forma definitiva documentada desde principios do século XI*"⁵⁶.

Por último, o nome do lugar de Quintá apresenta uma dificuldade ao nível da interpretação toponímica, pois, para ele inúmeras explicações verosímeis são possíveis. Pensa-se que provenha da palavra *quintana*, ou seja, uma praça latina. Normalmente, recebiam o nome de quintana os adros frente às igrejas ou pequenas praças nos campos. A evolução, de *quintana* para *Quintá*, deve-se à característica do galego, "*côa perda da -n intervocálica e unha Quintaa intermédia, documentada em numerosas ocasións. Probablemente a edificación de casas nesses espacios lebres das freguesias está na orixe de boa parte dos luagres que levan o nome de Quintá en Galicia*"⁵⁷.

⁵⁵ - **González, Frutos Fernández** _ Nomes do Robeiro; O Carballiño: Instituto de Estudios Carballiñeses, 2007, pág. 313

⁵⁶ - **González, Frutos Fernández** _ Nomes do Robeiro; O Carballiño: Instituto de Estudios Carballiñeses, 2007, pág. 212

⁵⁷ - **González, Frutos Fernández** _ Nomes do Robeiro; O Carballiño: Instituto de Estudios Carballiñeses, 2007, pág. 238

Implantação e estrutura

Como já foi referido, Nigueiroá, divide-se em três lugares, estando mais a Norte O Viñal, seguindo-se o lugar de Quintá, um pouco mais a Este, e mais a Sul, O Outeiro.

" (...) O lugar decátase illado e protexido na noite carol. Escóitase falar, rezar, rifar, latricar aos veciños. Coñécense os muxidos das vacas e os ladridos e ouveos do cadelo. Un bruidar de zocos, un trepar de bestas descoñecidos pon a todos sobre aviso. Saben como perto hai lugares da mesma parroquia. Entre eles pode haber espacios desertos e medoños"⁵⁸.

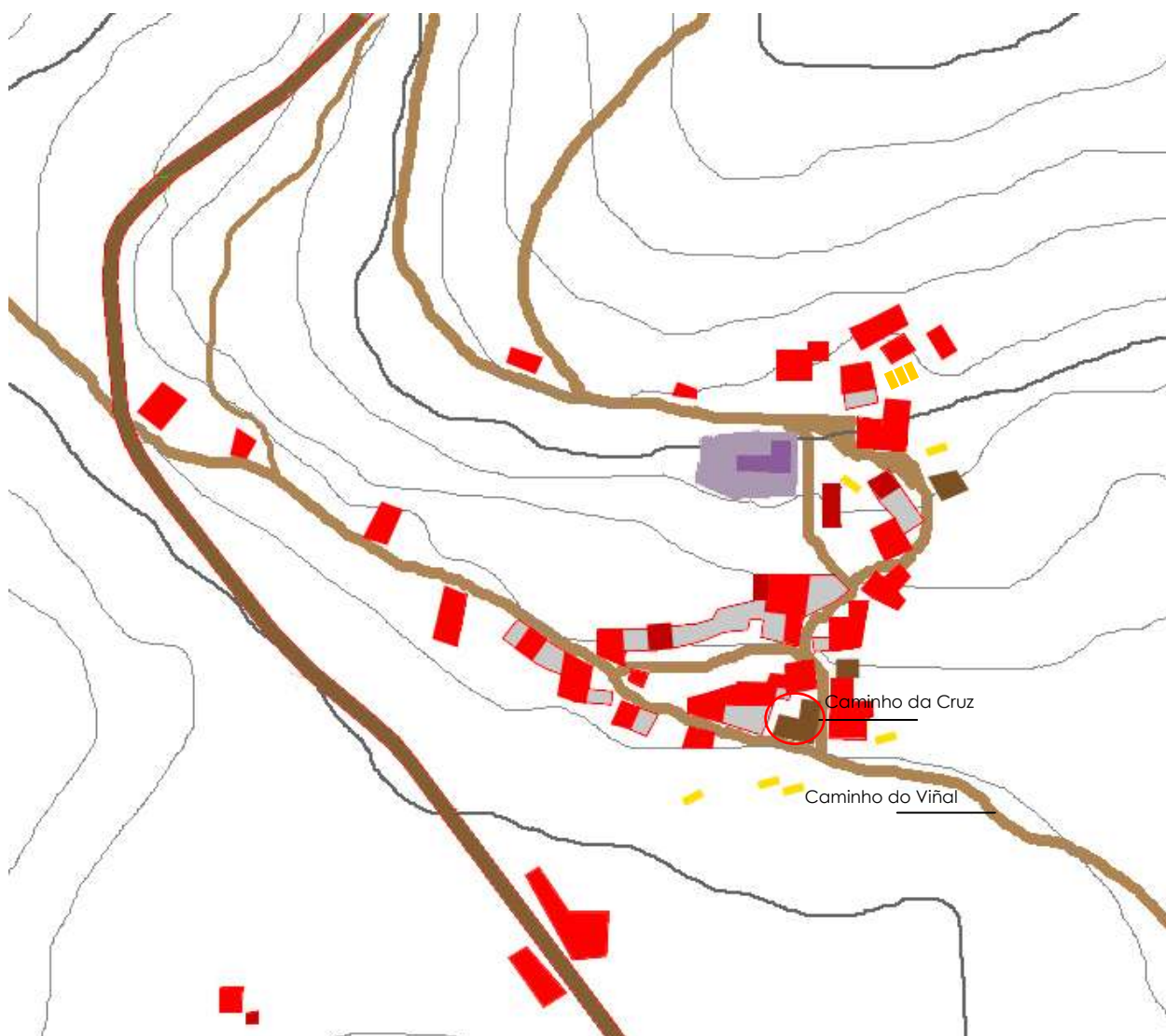
Tal como escreve Ramón Otero Pedrayo, as aldeias galegas do interior encontram-se, na sua maioria, um pouco isoladas do mundo urbano. São bastante voltadas para si, e têm como local central a igreja paroquial, onde prestam culto ao seu santo padroeiro. Os vários lugares das freguesias estão afastados, sendo o espaço compreendido entre eles, o lugar onde se pratica a agricultura e onde se pasta o gado.

Assim é, também, a aldeia de Nigueiroá. Os três lugares dispõem-se formando um triângulo, que no seu interior contém as terras para os trabalhos agrícolas. A sua proximidade com o rio faz com que estes terrenos sejam muitos férteis, tornando a paisagem do vale rica em termos de vegetação, em oposição às terras mais áridas da montanha.

O estudo, neste capítulo incidirá no lugar de O Viñal, por se tratar do local onde será feita a intervenção arquitectónica.

O lugar de O Viñal é caracterizado pelo seu povoamento rural, disperso, intimamente ligado às zonas de cultivo que o rodeiam. A igreja paroquial situa-se a uma

⁵⁸ - **Revista Arraianos**; Asociación Arraianos. Inverno de 2004/2005. n.º 2, pág. 12



38 Planta geral de implantação do lugar d'O Viñal – Nigüeroá
Escala 1/2000

- Casas
- Anexos
- Espigueiros
- Logradouros / eiras
- Ruínas
- Igreja
- Casas para recuperação



39 Vista aérea da Paróquia de Nigüeroá: Viñal, Quintá e Outeiro

cota mais elevada que a maioria da restante aldeia, conseguindo-se vislumbrar, desde o seu adro, grande parte desta. A parcellação territorial é feita na base de pequenas parcelas, donde resultam construções relativamente reduzidas, concentrando em si os espaços de habitação, espaço para o gado e de armazém. À volta do aglomerado dispõem-se os terrenos destinados aos cultivos (milho, batata, produtos hortícolas) e à pastagem do gado.

O eixo principal parece ser o caminho da Cruz, não só por concentrar no seu traçado um maior aglomerado de casas (mais antigas), mas, também, por nele se localizar a casa paroquial, para albergue dos sacerdotes. Este caminho inicia-se nas proximidades da igreja e vai descendo até à ponta Sul do aglomerado, encontrando-se com o caminho que une O Viñal a Quintá (Caminho do Viñal). Todos os caminhos são sinuosos pois as casas vão surgindo, recortadas, junto a eles, contendo, muitas vezes, dentro dos seus muros de pedra, as eiras e os pequenos cultivos para uso doméstico. Frente à igreja de Santiago há um alargamento dos caminhos, formando-se, assim, um largo, através do qual se acede à igreja e ao *camposanto* que a rodeia, e onde se dispõe o cemitério.

Ao longo dos caminhos deste lugar vamo-nos deparando com cobertos, muitas vezes anexados às habitações, e espigueiros, dando provas de que a economia local se baseava na agricultura e pecuária. Numa área relativamente pequena, os habitantes conseguiam ter o espaço dos animais e de armazenamento de utensílios (cortes nos pisos inferiores das habitações), os espigueiros para armazenar os produtos agrícolas (cereais), a habitação (no piso elevado) e as suas hortas. Com a emigração que ocorreu durante o século XX, a agricultura decaiu bastante, passando a ser essencialmente para a subsistência dos habitantes, ficando estas construções anexas um pouco ao abandono.



40. Caminho que sai de O Viñal com direcção a Quintá



41. "Camposanto" – Igreja de Santiago



42. Cobertos e espigueiros

Vistas



43. Vista desde o interior de O Viñal para a barragem das Conchas



44. Vista sobre os terrenos agrícolas



45. Vista panorâmica voltada para a barragem das Conchas

4.2. ARQUITECTURA LOCAL: A HABITAÇÃO

Casos de estudo

Para melhor compreender os modos de construir e de fazer esta arquitectura, tão voltada para as necessidades da população, tentarei mostrar exemplos de casas características deste local. Assim, a partir deste pequeno estudo e descrevendo as suas principais características arquitectónicas terei uma ideia mais concreta da tipologia das casas propostas para a intervenção.

Como já referi no capítulo anterior, as casas na aldeia foram surgindo voltadas para os caminhos, sem uma orientação específica. As construções eram, na maioria dos casos, compostas por dois pisos, destinando-se à habitação e reservando um espaço, próprio para abrigar o gado pertencente à família. Assim, no piso inferior e com acesso directo a partir da cota da rua localizavam-se as cortes dos animais. Estes espaços tinham um pé direito reduzido, talvez para uma economia de meios na construção, e não possuíam entradas de luz, a não ser nos vãos de entrada. Estes cobertos situavam-se por debaixo das habitações, não só para haver proximidade com os animais (encurtando distâncias e tempo), mas também para que o calor destes aquecesse a casa nos Invernos mais rigorosos do interior.

O acesso ao piso superior era feito estritamente pelo exterior da casa, existindo, por isso, umas escadas de pedra numa das fachadas voltadas para a rua. Muitas vezes, no cimo destas escadas existia uma varanda / alpendre de madeira, coberta, tipicamente galega. Os compartimentos da casa são todos de tamanho reduzido, devido às pequenas dimensões da célula habitacional, não havendo, muitas vezes, as condições mínimas de higiene. Neste piso o pé direito ganha uma altura maior, embora



46. Casa típica – Corte no piso térreo e varanda de madeira coberta no piso superior



47. Praça Maria Pita – A Coruña
Tipologia da habitação galega – fachadas com varandas de madeira

ainda seja reduzido. Assim, os espaços interiores são um pouco fechados, devido ao reduzido pé direito e às dimensões pouco generosas dos vãos. Os caixilhos nas janelas eram, na maioria dos casos, de madeira e com sistema de batente e estavam sempre acompanhados por contras, também de madeira, pelo interior.

Todas as paredes destas casas tradicionais são de pedra, trabalhada manualmente, atingindo espessuras de quase 1m, tornando a imagem exterior da casa bastante robusta. As pequenas aberturas ajudam a conferir essa imagem de bloco fechado sobre si. O pavimento dos pisos é de madeira, suportado por grandes vigas do mesmo material. O telhado é composto por uma estrutura de madeira, e tem inclinação, na maioria dos casos de duas águas (casas de menor dimensão) sendo revestido pelo exterior com telha tradicional de meia cana.

Esta imagem tradicional das aldeias da Galiza tem muito que ver com as povoações do interior Norte português, como a região de Trás-os-Montes, que faz fronteira com a Baixa Limia. Isso deve-se, como foi mencionado anteriormente, às disputas entre Portugal e Espanha pelo domínio desta porção de território na altura da formação da nacionalidade



48. Fachada Sul – Casa do padre



49. Fachada Sul – Casa do padre

Casa Paroquial

A casa paroquial situa-se nas proximidades da igreja de Santiago, no caminho da Cruz e tinha como finalidade dar alojor os sacerdotes que trabalhavam nesta aldeia. Neste momento, esta casa encontra-se desabitada e em mau estado de conservação. Nota-se que era um edifício distinto de todos os outros d'O Viñal, não só pela sua função, mas também pela sua dimensão. Ocupava uma parcela, murada a toda a volta, tendo um grande portão de acesso ao espaço intra muros. A sua altura, em relação

às outras casas, é maior, não existindo o espaço de cortes no piso térreo.

Esta construção ostenta um corpo mais elevado e saliente, rebocado a branco, que se destaca do resto da construção. Apresenta um grande vão, onde ainda se vêem os caixilhos de batente, de madeira, divididos em 8 partes. Neste corpo observam-se alguns detalhes de construção mais elaborados que nas outras edificações (de tipo habitacional / agrário) não aparecem.

Sabe-se que nestas aldeias o padre era um elemento importantíssimo, com muito poder, tanto que, as casas onde residiam mostravam alguma ostentação, distinguindo-se do resto do casario.

Casa da vizinha

Algumas casas, devido à sua antiguidade, aos métodos construtivos por vezes menos bem executados, ou para melhorar as condições de vida dos seus habitantes, foram reabilitadas ou reparadas pelos próprios donos. Esta casa é um exemplo desses reparos. A varanda / alpendre que seria de madeira foi reconstruída em cimento, aumentando o espaço interior de habitação e não deixando que a varanda acabasse por ruir. As suas dimensões não foram alteradas, mantendo-se os diminutos pés direitos.

Como se pode verificar a tipologia agrária está bem marcada neste exemplo, com a entrada para a corte feita por debaixo da varanda (com um pé direito bastante reduzido) e o acesso à habitação feito por intermédio das escadas de pedra. O telhado, é de telha tradicional, tem apenas duas águas, sendo que uma se alonga e cobre a varanda. Nesta casa pode verificar-se que existem duas zonas diferenciadas, com pés direitos distintos, alturas de janelas não correspondentes, que pode dar a entender que uma delas foi alvo de obras, adequando-se às



50. Fachada Oeste – Casa do padre
Portão de acesso ao espaço privado



51. Fachada Oeste – Casa da vizinha
Reentrância da corte em 1º plano



52. Fachada Oeste – Casa da vizinha



53 Fachada Oeste – Casa da vizinha
Entrada renovada para a corte

exigências dos tempos modernos. A parte mais à direita mantém as características mais antigas, enquanto a da esquerda dá sinais de maior modernidade, com um portão de altura superior à cota de entrada, tornando os pisos mais equilibrados em termos de altura interior. Note-se, também, que os primitivos caixilhos foram substituídos por caixilharia de PVC, mantendo-se, ainda assim, o modo de abrir bem como a sua cor característica.

Casa do alpendre verde



54. Fachadas Sul e Este – Casa do alpendre verde

O terceiro exemplo que apresento trata-se de uma das casas que menos alterações ou arranjos sofreu ao longo dos tempos. Mantém a sua imagem débil, de materiais em avançado estado de degradação, desgastados pelo tempo. Nela estão presentes todas as características que mencionei no início do capítulo, tais como: a construção em pedra trabalhada, a divisão em dois pisos de alturas reduzidas, um de apoio à agricultura e pecuária, com a sua entrada no piso térreo, directamente da rua, e o outro, destinado à habitação, acessível por meio do lanço de escadas de pedra. Os caixilhos tradicionais ainda se mantêm e o telhado de duas águas que cobre a varanda tem telhas de meia cana. Aqui, o coberto ainda é usado com o propósito para o qual foi pensado, tendo, por isso, uma cerca, fechando a zona intermédia (entre a rua e o espaço interior) de armazenamento de material. A varanda é, neste caso, construída apenas com elementos de madeira, não havendo pedra na sua construção.



55. Fachada Este – Casa do alpendre verde

4.3. PRÉ – EXISTÊNCIAS: CASA DA PARAUTA, CASA DA DEMÉTRIA E CASA DOS PIZARRAS

Introduzindo, já, o que virá a ser o próximo, e último, capítulo, farei a apresentação do objecto de intervenção. Devido ao seu agravado estado de conservação, algumas das afirmações que farei, serão baseadas nos casos de estudo, anteriormente apresentados. Estes, servirão para estabelecer uma ligação entre o que hoje se encontra ainda de pé e que no passado funcionava como espaço de habitação.

A área total da parcela é de 237 m² e contém ruínas de três casas: a da Parauta, da Demétria e dos Pizarras. Estas dispõem-se em forma de L e têm paredes de meiação entre si. Todas elas pertenciam a famílias diferentes, que provavelmente teriam posses e agregados familiares diversos, sendo as variações de área habitável bastante grandes. Desde há muitos anos que as três casas estão desabitadas, tendo, por isso, entrado em tal grau de degradação, que apenas as paredes exteriores, ou parte delas, se encontram construídas. Apenas nas casas da Parauta e dos Pizarras a escada de acesso à varanda e ao piso superior se encontra, ainda, construída, não havendo em nenhuma das casas cobertura ou lajes de pavimento do segundo piso.

Casa da Parauta

A Casa da Parauta é, das três casas que compõem este conjunto, a que mais a Norte se implanta. A área de ocupação desta parcela é de aproximadamente 55 m² e a sua utilização é, como já referi, feita em dois pisos. Interiormente é a casa que de mais espaço dispõe.

Esta casa tem duas frentes de rua, uma voltada para o Caminho da Cruz (Este) e outra para o logradouro

público (Norte), que dá acesso à casa dos Pizarras e divide esta porção de terreno da propriedade vizinha. A fachada Sul encosta-se, na sua totalidade, à parede da casa da Demétria e a correspondente ao lado Oeste, encontra-se totalmente destruída voltando-se para o logradouro.

Embora parte das suas fachadas já não se encontrem construídas, podemos chegar a algumas conclusões, a partir do que se observa. A entrada para o piso superior era feita pelo logradouro, perpendicularmente ao Caminho da Cruz, por intermédio de um lanço de escadas de pedra, que estaria coberto, formando a típica varanda de entrada. Por outro lado, o acesso ao espaço de curral era feito directamente pelo Caminho da Cruz. O telhado era composto por duas águas, orientando-se no sentido Norte / Sul, de modo a que a sua aba Norte cobrisse o patamar de entrada na casa.

Casa da Demétria

A casa da Demétria encontra-se no meio das outras duas casas e tem uma área bruta de 55,50 m². Duas das suas fachadas não têm aberturas, pois funcionam como paredes divisórias com as casas da Parauta e dos Pizarras. Esta é talvez a casa que se encontra em pior estado de conservação. A sua escada de acesso ao piso da habitação (fachada Este) já não se encontra construída, mas supõe-se que o amontoado de pedras encostados à casa, no caminho da Cruz, faça parte dela. Na fachada voltada a Sul localiza-se a entrada para a corte e o arranque das escadas da casa dos Pizarras. Neste caso, o telhado orientaria-se ao contrário do da casa anterior, Este / Oeste, pois o seu alpendre estaria, como já referi no lado Este. Olhando para o interior desta edificação é ainda possível observar algumas vigas de madeira que sustinham a laje do piso superior, tombadas, ainda encastradas num dos seus lados, nas grossas paredes de pedra.



57. Casa da Parauta – acesso ao piso superior



58. Casa da Parauta – entrada para o curral



59. Casa da Demétria – fachada Este



60. Casa da Demétria – fachadas Este e Sul

Casa dos Pizarras



61. Casa dos Pizarras – fachada Sul



62 Casa dos Pizarras – fachada Sul – Forno do pão



63. Casa dos Pizarras – Forno do pão

A última casa que apresento tem a denominação de casa dos Pizarras. É a que dispõe de menor área coberta de utilização, 41,42 m², podendo, por isso, desfrutar da área exterior localizada nas traseiras do conjunto. É provável que esta tenha sido a última casa, deste conjunto, a ser construída, talvez por uma família menos abonada, aproveitando um espaço residual entre duas casas já construídas. O seu tamanho muito reduzido fez com que as suas escadas tivessem de se colocadas em frente à casa da Demétria, não conseguindo doutro modo ter acesso directo da rua à corte e ao piso superior. Ao contrário do que se verifica nas outras casas, nesta, as duas entradas estão dispostas na mesma fachada, estando a entrada dos currais por baixo da varanda coberta, que ainda mantém uma coluna e padieira da porta. Embora seja uma casa muito pequena, a sua entrada, com elementos bem desenhados, mostra alguma dedicação no que respeita à sua construção. Para além disto, há ainda mais duas particularidades que importa salientar. Por debaixo da varanda, e lateralmente à entrada do curral, foi construído um forno panificador, que, dizem algumas pessoas na aldeia, era usado por todos os habitantes. Em frente a este, e aproveitando o espaço resultante por debaixo das escadas, foi feita uma espécie de arrumo para as pás e utensílios para a cozedura do pão.

5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

5.1. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Conhecido o objecto proposto para a intervenção, o seu ambiente físico e territorial, a sua origem na história, os seus antecedentes, e o que neste momento permanece, eis que chega o momento de pensar num futuro. Pretendo que o projecto proposto reflecta o estudo feito até então, respeitando a imagem das aldeias galegas construídas com os seus materiais próprios.

Nas últimas décadas fizeram-se sentir algumas transformações no meio rural de Bande, alterando os modos de vida das populações residentes. No ano de 1949, nesta zona, foi construída a Barragem das Conchas, que tendo trazido mais-valias, tanto a níveis energéticos como hídricos, não foi vista com bons olhos, por parte dos habitantes das aldeias afectadas. A colocação da barragem fez com que o caudal do rio Lima aumentasse consideravelmente, o que provocou a submersão de muitos terrenos agrícolas, e também, como foi referido anteriormente, do património arqueológico de Aquis Querquennis. A instalação da barragem neste local foi uma das razões para que a agricultura, base da economia destas terras, caísse em decadência, aliada ao processo de migração e emigração da classe trabalhadora.

Nestas circunstâncias, de empobrecimento cultural e económico, em que se encontram grande parte das aldeias, não só espanholas, mas portugueses também, surge um novo turismo, que traz novas aspirações a estas terras quase desabitadas. Falo, então, do turismo rural⁵⁹, que alia a valorização do património histórico – cultural com o desenvolvimento sustentável de cada local, não

⁵⁹ – **Turismo:** s.m. actividade de viajar, de conhecer lugares que não aquele onde se vive habitualmente; in Dicionário da Língua Portuguesa; Porto: Porto Editora, 2006, pág. 1686

Rural: adj. 2gén. Relativo, próprio ou pertencente ao campo ou à vida agrícola; rústico; campesino; diz-se da freguesia situada fora d vila ou da cidade. in Dicionário da Língua Portuguesa; Porto: Porto Editora, 2006, pág. 1488

causando grande impacto / alteração ambiental. Com este turismo, que assenta nas vivências do passado e no conhecimento da tradição rural, gera-se um desenvolvimento e crescimento económico regional, capaz de fazer face ao declínio da agricultura como principal actividade económica. Com isto, são introduzidos novos investimentos, novas actividades mais relacionadas com o turismo (comércio, prestação de serviços, etc.), sem que, para isso, as tradicionais deixem de existir, havendo, pois, uma nova ocupação da mão-de-obra, que também será melhor remunerada. Todas estas mais-valias contribuem para melhores condições de vida nas aldeias, sendo, pois, o turismo rural, uma alternativa, actual, de desenvolvimento, que aproveita a especificidade de cada localidade, as suas potencialidades e oportunidades, valorizando cada território, afastando-o do isolamento, da desertificação e do abandono.

As três casas propostas para intervenção têm como finalidade servir este turismo rural, ou de habitação, dando a conhecer as riquezas paisagísticas, históricas e culturais das terras de Bande. Depois de iniciada a reflexão sobre o que será mantido, destruído ou o que se irá construir de raiz, neste conjunto habitacional, e conversando directamente com o cliente, alguns pontos foram dados como certos.

Um dos princípios a seguir seria a conservação da imagem rural, mantendo, se possível, as pré-existências, respeitando o invólucro exterior e o tipo de construção a ele associada. Assim, e de modo a garantir um alojamento de qualidade, que proporcione conforto e bem-estar aos seus usuários, no interior seria criado um ambiente tão rústico (pelos materiais, tipos de vão, dimensões) quanto moderno. Ou seja, será uma tentativa de criar algo novo, envolvido por uma capa antiga, mas intemporal, fazendo com que estas duas épocas diferentes façam parte de uma só unidade.

Nos dias de hoje torna-se importante a recuperação e reabilitação⁶⁰ dos edifícios, adaptando-os para os usos actuais, resolvendo problemas construtivos e ambientais, actualizando as suas instalações e equipamentos, reorganizando espaços, de modo a melhorar as suas funcionalidades, sem esquecer a imagem original do objecto e a coerência arquitectónica, outrora, possuída.

As três células, que compõem esta unidade habitacional, como foi mostrado no capítulo anterior, têm dimensões distintas umas das outras. A meu ver, o espaço interior das casas é bastante reduzido para que cada uma funcione autonomamente. A casa dos Pizarras é a que menor área apresenta, sendo, nos dias de hoje, quase impossível viver com qualidade num espaço tão diminuto. Assim, a partir desta unidade de três casas pensei em organizar duas células, que funcionassem de forma autónoma, e garantissem boas condições de habitabilidade, higiene e salubridade, adaptadas às exigências da vida actual.

Um dos aspectos mais importantes a partir do qual comecei a desenvolver o projecto, foi o de tentar garantir que ambas as células pudessem usufruir da paisagem voltada para a barragem das Conchas. Com este propósito, e preservando a volumetria original do conjunto, pensei numa solução projectual em que uma das casas, neste caso a da Demétria, fizesse parte de ambas as parcelas criando propriedade horizontal. Ou seja, o seu piso superior estaria ligado à casa da Parauta, ao passo que o inferior faria parte da casa dos Pizarras.

Outra condicionante que se impõe, nos dias que correm, é o acesso automóvel. Por isso, o espaço vazio existente no interior do quarteirão, foi estudado, de modo a poder conter duas viaturas, e concentrar em si o acesso às duas casas. A dificuldade que encontrei neste processo foi



69. Esquízo

⁶⁰ – A **reabilitação** diz respeito à melhoria das actuais condições do edifício, tanto no que se refere ao seu conforto e à sua estética, como à sua funcionalidade.
in **Falkenberg, Haïke** (ed.); **Cuñto, Aurora** (coord.); **Bahamón Alejandro** (coord.) – *Vivendas Remodeladas: Restauração / Reabilitação / Reconversão*; Madrid: H Kliczkowski – Onlybook, S.L., 2002, pág. 12

a diferença de cotas existente entre a entrada automóvel e a cota interior das habitações. Assim, o logradouro apresenta uma ligeira pendente, terminando numa escada, a partir das quais se acede à moradia de cota inferior. Com este espaço exterior privado consegue-se obter entradas mais reservadas para as casas (embora se possa entrar directamente pela rua) e um local para outra qualquer actividade, como refeições ao ar livre.

Relativamente à imagem exterior das casas, esta foi mantida, tendo os acessos, tanto aos pisos superiores como aos térreos, sido conservados, ao invés dos vãos que foram, na medida do possível, redimensionados por terem alturas demasiado diminutas. De modo a melhorar a luminosidade no interior das habitações, e pensando, também no desenho dos alçados, dois vãos foram acrescentados nas fachadas principais. Todos os vãos serão dotados de portadas interiores conferindo segurança às casas, não alterando a sua imagem exterior.

No desenho dos espaços interiores foi tida em consideração a reduzida dimensão dos espaços, retirando a parede duplicada que dividia as casas da Parauta e Demétria, e a disposição e tamanho dos vãos existentes. Assim, tentei não compartimentar muito as diversas zonas, tornando as divisões o mais amplas possível. Nos pisos inferiores foram colocadas as cozinhas e as respectivas salas de jantar e estar, com instalações sanitárias associadas. As escadas de acesso, interiores, aos pisos superiores, foram colocadas em locais estratégicos, de fácil acesso e em locais onde não houvesse vãos (pois o seu número reduzido a isso sujeita).

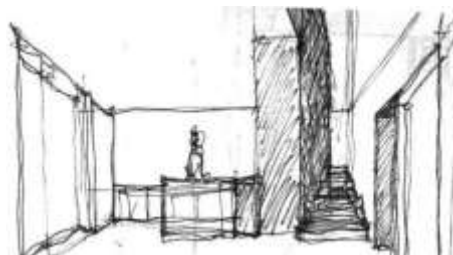
Os quartos localizam-se todos no piso superior, havendo dois deles com acesso directo pelo exterior, pelas escadas de granito que já existiam. Graças à variação de alturas existente entre as 3 antigas casas, uma das parcelas (casa da Parauta) organiza-se em três cotas distintas,

estando o primeiro piso 1,63 m acima do piso térreo e o segundo 0,73 m acima do primeiro.

Como sabemos, o espaço pertencente à actual casa da Demétria será dividido pelas outras duas casas, passando, a partir deste momento, a existir apenas duas habitações. Assim, os nomes Pizarras e Parauta serão mantidos, de modo a identificar as casas.

A casa da Parauta é a maior das duas parcelas, sendo composta por uma cozinha e sala que compartilham o mesmo espaço, duas instalações sanitárias e três quartos de dormir. Tem como acesso principal, ao seu piso térreo, a entrada que se localiza no interior do logradouro. Pode também aceder-se à habitação, a partir do caminho da Cruz, por uma porta, pré existente, situada na zona da cozinha. A entrada principal é feita à cota de 0,95 m no exterior e dá acesso ao espaço de sala e cozinha (cota 1,09 m). À esquerda situa-se a banca da cozinha e uma mesa de jantar e à direita o sofá que divide os dois espaços. No pequeno átrio onde se encontram as escadas de acesso ao piso superior existe, ainda, um sanitário de serviço. Subido o primeiro lanço de escadas atravessa-se para a antiga casa da Demétria à cota 2,70m. Chega-se, então, à primeira zona de quartos, composta por duas divisões. Logo à esquerda encontra-se o primeiro quarto, voltado para o caminho de Cruz estando ao fundo o segundo, com janelas viradas para o caminho do Viñal. De volta às escadas sobe-se mais um pequeno lanço, acedendo-se à cota mais elevada desta casa, 3,45m, onde se situa a instalação sanitária completa, à direita, e em frente o maior quarto da casa que dispõe de uma entrada directa a partir da rua, pelas escadas de granito pré-existentes.

A casa dos Pizarras é, por sua vez, a mais pequena das parcelas. Para além da cozinha e da sala que



70. Esquícios

comunicam abertamente, ainda é dotada de um sanitário completo e um quarto de dormir no piso superior. A entrada para esta casa é feita, a partir do logradouro, à cota 0,30 m, acedendo-se a um átrio de entrada e distribuição. Aí, deparamo-nos com o acesso ao piso superior, o sanitário à esquerda, e a cozinha em frente. Neste último espaço, de confecção dos alimentos, há uma entrada directa a partir do caminho do Viñal. Em comunicação com esta divisão encontra-se a sala, dividida em duas zonas distintas: uma mais luminosa, a sala de jantar, e a outra, mais resguardada, a sala de estar. Esta pode ser dividida fisicamente da anterior, através da porta de correr a todo a largura do compartimento. Pode, por isso, ser transformada em mais um quarto se assim os ocupantes o desejarem.

Subindo os dois lanços de escadas e chegando à cota 2,66 chega-se ao quarto de dormir desta casa que, tal como na anterior, goza de um acesso independente do resto da casa a partir das escadas e alpendre antigos.

Devido ao agravado estado de degradação das casas muitos dos seus elementos terão de ser reconstruídos, mantendo a sua imagem tradicional e rural. O aspecto exterior da unidade habitacional será mantido, compondo-se as paredes que desabaram e arranjando as que ainda se encontram construídas. A cobertura será reconstruída com os materiais característicos da zona, sendo por isso revestido com telha lusa de meia cana, de modo a facilitar a colocação das telhas visto as águas do telhado não serem simétricas. O seu interior será revestido por madeira, ficando os elementos construtivos à vista. As paredes exteriores serão revestidas (pelo interior) com isolamento térmico (poliestireno extrudido) tendo depois um acabamento em placas de gesso cartonado. As paredes interiores que dividem as casas serão, nalguns pontos específicos, mantidas com a pedra original à vista (vãos

das escadas, espaços de distribuição e nas salas de estar); enquanto as paredes interiores, construídas de novo serão constituídas por tijolo de 11 cm e rebocadas. Nas zonas de serviço como instalações sanitárias e cozinhas as paredes terão um acabamento cerâmico.

O piso térreo, que devido à sua utilização anterior não possui qualquer laje, será tratado de forma a evitar a ascensão da humidade do terreno. Assim, depois de efectuada a sua limpeza, será revestido por várias camadas de diversos materiais sendo a primeira uma camada de areia siliciosa com 2 cm de espessura. De seguida colocar-se-á uma camada de vidro celular (5 cm), que funcionará como isolamento térmico e por cima deste uma folha de polietileno. Sobre este conjunto irá aplicar-se uma camada média de 4 cm de betonilha que receberá a argamassa de cimento e areia para assentamento do pavimento que será em madeira ou materiais cerâmicos, consoante o espaço.

O piso superior terá uma laje de betão armado, rebocada na sua face inferior e com acabamento de madeira na outra face, correspondendo ao pavimento dos quartos de dormir.

5.2. PLANTAS, CORTES E ALÇADOS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendia com este trabalho era, de um modo bastante simples de explicar, perceber o funcionamento, o tipo de organização e implantação da aldeia de Nigueiroá para que o projecto proposto para a reabilitação das três casas não quebrasse as regras impostas pelo passado tão rico, da zona em questão.

O estudo da evolução urbana do território do concelho de Bande, desde os seus primórdios até ao que hoje é, ajudou-me a compreender os processos organizativos dos aglomerados populacionais e o porquê da sua situação geográfica. A importância dos recursos naturais e das actividades económicas da região foram, ao longo dos tempos, dos motivos que mais influenciaram, não só a fixação dos povos mas também os seus modos de vida, o seu trabalho, e as consequentes formas de habitar o espaço da casa. A compreensão desta casa tipicamente galega só foi possível graças ao entendimento do quotidiano rural da população, que embora tenha evoluído, manteve a base da sua economia.

Estas permanências, estas imagens do dia-a-dia rural, de cariz agrícola, que nos chegam pela mão destas gentes, são os alicerces da cultura arquitectónica e dos modos de construir locais. Aceitar estas premissas no acto de “construir sobre o construído” é fundamental, numa altura em que estas aldeias estão sujeitas a diferentes tipos de aculturação, a influências vindas do estrangeiro, que em nada contribuem para preservar a imagem característica de cada região.

Ao longo de todo o processo de elaboração do projecto de reabilitação, o interesse pelo passado, pelas características locais e pela renovação do antigo, aliadas

a uma certa modernidade, foi uma constante. Assim, o projecto nasce, consciente da importância do passado, sem esquecer os pressupostos do estilo de vida actual, a linguagem arquitectónica moderna e o contexto específico de cada lugar.

7. BIBLIOGRAFIA

Livros

A.A.V.V. _ *IX centenario de la fundacion del Cister: en Galicia y Portugal / II Congreso Internacional sobre el Cister*; Ourense: Xunta de Galicia, 1999

A.A.V.V. _ *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Les ciutats tardoantigues d'Hispania: Cristianització i topografia*; Barcelona: Instituts d'Estudis Catalans, Ajuntament de València, Universitat de València, Universitat de Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2005

Arias Vilas, Felipe _ *A Romanizacion en Galicia*, 1ª ed.; Vigo: A nosa Terra, 1992

Árias, Xosé Lois López de Prado (coord.) _ *Ourense – Guia Monumental*. Diputacion Provincial de Ourense; León: Editorial Evergraficas, 1986

A.A.V.V. _ *Arquitectura popular em Portugal* (2ª ed.); Lisboa: Associação dos arquitectos portugueses, 1980

Bonet Correa, António _ *La arquitectura en Galicia durante el siglo XVII*; Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1984

Bango Torviso, Isidro G. _ *Galicia Românica*, trad. Pepe Carballude; Vigo: Galaxia, 1987

Calo, Francisco _ *História xeral de Galicia*; Vigo: A nosa terra, 1997

Calo, Francisco _ *A cultura castrexa*, 2ª; Vigo: A nossa terra, 1997

Cela, Camilo José; Laxeiro; Vaqueiro, Vítor _ *Galicia*; trad. Maria dos Anxos Vasquez Rodríguez e Ian Emmet; Vigo: Ir Indo Edicións, 1990

Cóias, Vítor _ *Reabilitação estrutural de edifícios antigos: alvenaria, madeira: técnicas pouco intrusivas* – 2ª ed.; Lisboa: Argumentum, 2007

Colmenero, António Rodríguez; Sierra, Santiago Ferrer _ *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis – Actuaciones en el campamento romano (1975-2005)*; Lugo: Grafic-Lugo, 2006

A.A.V.V. _ *Dicionário da Língua Portuguesa*; Porto: Porto Editora, 2006

Domening, Günther _ *Arquitectura actual: reahabilitación*; [S.L.] Monsa, 2007

Domínguez, Javier _ *Recuperar la memoria: arquitectura y legado histórico 1980 – 2005*; Valência: Ediciones Generales de la Construcción, 2007

A.A.V.V. _ *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia* / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant. - Santiago de Compostela: U.S.C., 1983

Falkenberg, Haike (ed.); **Cuñto, Aurora** (coord.); **Bahamón Alejandro**(coord.) _ *Vivendas Remodeladas: Restauração / Reabilitação / Reconversão*; Madrid: H Kliczkowski – Onlybook, S.L., 2002

Flores, Carlos _ *Arquitectura Popular Espanhola*; Madrid: Aguilar, 1973

A.A.V.V. _ *Galicia a destrucion e a integracion do patrimonio arquitectonico: III xornadas de arquitectura galega*; Santiago de Compostela: C.O.A.G., 1981

A.A.V.V. _ *Jornadas de Arquitectura Galega, II e III _ Galicia: património arquitectónico - cidade e território*; Santiago de Compostela: C.O.A.G., 1984

González, Frutos Fernández _ *Nomes do Robeiro*; O Carballiño: Instituto de Estudios Carballiñeses, 2007

Grondona, Javier; Babiano, José Carlos _ *Reahbilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica: 1975 - 1988*; Sevilla: C.O.A.A.O., 1989

López Carreira, Anselmo _ *A cidade medieval galega*; Vigo: A nossa terra, 1999

López Carreira, Anselmo _ *Ourense no século XV: economia e sociedade na Baixa Idade Média*; Vigo: Xerais, cop.1991

López Quiroga, Jorge _ *El final de la antigüedad en la Gallaecia: la transformación de las estructuras*; La Corunha: Barrié de la Maza, 2004

Mesquita, Mário João _ *António Meneres: dos anos do inquérito à arquitectura popular portuguesa*; Poto: Faup, 2006

Nuñez, Manuel _ *Arquitectura pré-românica*, prólogo de R. Otero Tuñez, trad. Xosé R. Fandiño Veiga; Santiago de Compostela: C.O.A.G., 1978

Oliver, Paul (ed.) _ *Encyclopedia of vernacular architecture of the world*; Cambridge: U.P., 1997

Pessanha, Matilde, pref. Frei Geraldo Coelho Dias _ *Siza: lugares sagrados, monumentos*; Porto: Campo das Letras, 2003

Pulgar Sabín, Carlos del (ed.); **Hidalgo Cuñarro, José Manuel** (dir.); **Gil Rodríguez, Xulio** _ *Arqueologia*; Setúbal: Marina, D. L. 2005; Colecção Arte e Cultura da Galiza e Norte de Portugal

Pulgar Sabín, Carlos del (ed.); **González Reboredo, Xosé Manuel** (coord.); **Soeiro, Teresa** (coord.) _ *Etnografia*; Setúbal: Marina, D. L. 2006; Colecção Arte e Cultura da Galiza e Norte de Portugal

Rudofsky, Bernard _ *Architecture without architects*, 3ª ed.; Albuquerque: University of New México, 1995

Salavessa, Eunice _ *Restauro e reabilitação da Casa do Arnal / Eunice Salavessa*; Vila Real: ICN – PN do Alvão, 1997

Villares, Ramón (coord.) _ *La ciudad y el mundo urbano en la história de Galicia*, 2ª ed.; Santiago de Compostela: Torculo, 1988

Villares, Ramón; Cruz, Maria Leonor Garcia da (trad.) _ *História da Galiza*; Lisboa: Horizonte, 1991; Colecção Livros Horizonte (vol.38)

Zevi, Bruno _ *Saber ver a arquitectura* / Bruno Zevi; Trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira – 5ª ed; São Paulo: Martins Fontes, 1996

Periódicos

Arquitectura Ibérica, 26; Tectónica: madeira = maderá /
João Leite Garcia; trad. Anabela Silva, Alberto Montoya;
Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008

Lethes – Cadernos Culturais do Limia; Centro de Cultura
Popular do Limia. Outono de 2000. n.º 2

Lethes – Cadernos Culturais do Limia; Centro de Cultura
Popular do Limia. Inverno de 2002 - 2003. n.º 4

Lethes – Cadernos Culturais do Limia; Centro de Cultura
Popular do Limia. Inverno de 2005 - 2006. n.º 7

Lethes – Cadernos Culturais do Limia; Centro de Cultura
Popular do Limia. Inverno de 2006 - 2007. n.º 8

Ourense – Via Nova / La Via Romana

Revista Arraianos; Asociación Arraianos. Agosto de 2004. n.º1

Revista Arraianos; Asociación Arraianos. Inverno de
2004/2005. n.º 2

Revista Arraianos; Asociación Arraianos. Primavera de 2005.
n.º 3

Revista Arraianos; Asociación Arraianos. Outono de 2005.
n.º4

Revista Arraianos; Asociación Arraianos. Primavera de 2006.
n.º 5

Provas finais

Aragão, Marta Chacim de Araújo Rodrigues _ *A forma urbana enquanto suporte de uma identidade; análise da morfologia urbana dos aglomerados do concelho de Nisa*, docente acompanhante Prof. Anni Gunther Nonell; Porto: Faup, 2007

Cruz, Rodrigo Martingo _ *A arquitectura e o lugar, Moldes, Arouca: a identidade do lugar como método de aproximação ao projecto de uma habitação unifamiliar*, docente acompanhante Prof. José Quintão; Porto: Faup, 2008

Fernandes, Diana Andreia Ribeiro _ *Princípios para uma proposta de intervenção na aldeia de Ermelo*, docente acompanhante: Prof. José Manuel Soares; Porto: Faup, 2008

Oliveira, Nuno Miguel Marrucho Jesus _ *Aldeias de Xisto da Lousã: Projecto de revitalização*, docente acompanhante: Prof. Marta Oliveira; Porto: Faup, 2008

Pereira, Rita Alexandra Sarmiento _ *Vazios Humanos: Uma proposta de reabilitação de um edifício do século XX no centro histórico do Porto para um centro de abrigo*, docente acompanhante: Prof. Eliseu Gonçalves; Porto: Faup, 2007

web sites

<http://baixalimiauxures.com/> (consultado em 14-04-09)

<http://culturaedeporte.xunta.es/> (consultado em 14-04-09)

<http://geira.cm-terrasdebouro.pt/> (consultado em 21-05-09)

<http://fundacionaqvianova.com> (consultado em 21-04-09)

<http://musarquourense.xunta.es> (consultado em 13-05-09)

<http://viasromanas.planetaclix.pt/> (consultado em 22-05-09)

<http://www.arqueomas.com/> (consultado em 17-04-09)

<http://www.castrenor.com/> (consultado em 10-05-09)

<http://www.concellobande.com/> (consultado em 24-03-09)

<http://www.galiciaparaelmundo.com/> (consultado em 02-05-09)

http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/historia_medieval/xacobeo.htm (consultado em 02-05-09)

<http://www.turismourense.com/> (consultado em 10-05-09)

<http://www.vernaculararchitecture.com/> (consultado em 20-03-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anatidae> (consultado em 13-04-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Calendas> (consultado em 25-05-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cista> (consultado em 10-05-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comitatus> (consultado em 24-06-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dolmen> (consultado em 10-05-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Horst> (consultado em 13-04-2009)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamoa> (consultado em 10-05-09)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Parrochiale_suevum (consultado em 24-06-09)

http://pt.wikipedia.org/wiki/planta_vascular (consultado em 14-04-2009)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Vias_romanas (consultado em 21-05-09)

<http://www.xunta.es/conselle/cultura/patrimonio/museos/mapour/galego/pezasmes/pm77.htm> (consultado em 18-05-09)

8. ÍNDICE DE IMAGENS



1. <http://www.nava.com.pt/agentes/index.php>



2. <http://commons.wikimedia.org/wiki/Bande>
(alterado)



3. PXOM de Bande



4. Fotografia da autora



5. Mapa da autora



6. Lethes – Cadernos Culturais do Limia; n.º
pág. 110

7. Lethes – Cadernos Culturais do Limia; n.º
pág. 107

8. Gráfico e tabela da autora



9. Mapa da autora



10. Lethes – Cadernos Culturais do Limia; n.º 2,
pág. 105



11. Lethes – Cadernos Culturais do Limia; n.º 2,
pág. 49



12. *Estudos de Cultura Castrexa e de História
Antiga de Galicia*; pág. 22



13. Mapa da autora



14. <http://musarqourense.xunta.es>



15. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarraconense>
(alterado)



16. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarraconense>
(alterado)



17. <http://www.celtiberia.net/verimg.asp?id=178>



18. http://www.arqueomas.com/HA_ing_romana_calz_Nova.htm



19. <http://www.skyscrapercity.com/showpost.php?p=17444143&postcount=147>



20. *El final de la antigüedad en la Gallaecia: la transformación de las estructuras*; pág. 509



21. *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis – Actuaciones en el campamento romano (1975-2005)*; pág. 150



22. Fotografía da autora



23. Fotografía da autora



24. Fotografía da autora



25. *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis – Actuaciones en el campamento romano (1975-2005)*; anexos



26. <http://fundacionaqvianova.com/index.html>



27. <http://fundacionaqvianova.com/index.html>



28. *El final de la antigüedad en la Gallaecia: la transformación de las estructuras*; pág. 509



29. Mapa da autora



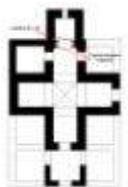
30. <http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A2ndalos> (alterado)



31. *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis – Actuaciones en el campamento romano (1975-2005)*; pág.155



32. <http://members.fortunecity.es/edepaz/siglox1.htm>



33. *Arquitectura pré-românica*; pág. 85



34. *Lethes – Cadernos Culturais do Limia*; n.º 2, pág. 1140



35. Mapa da autora



36. http://www.eb23-cmdt-conceicao-silva.rcts.pt/sev/hgp/iberica_xi.jpg (alterado)



37. Mapa da autora



38. Mapa da autora



39. <http://maps.google.pt/maps>



40. Fotografia da autora



41. Fotografia da autora



42. Fotografia da autora



43. Fotografia da autora



44. Fotografia da autora



45. Fotografia da autora



46. Fotografia da autora



47. Fotografia da autora



48. Fotografia da autora



49. Fotografia da autora



50. Fotografia da autora



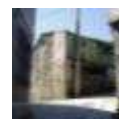
51. Fotografia da autora



52. Fotografia da autora



53. Fotografia da autora



54. Fotografia da autora



55. Fotografia da autora

56. Desenho da autora



57. Fotografia da autora



58. Fotografia da autora



59. Fotografia da autora



60. Fotografia da autora



61. Fotografia da autora



62. Fotografia da autora

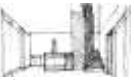


63. Fotografia da autora

64 a 68. Desenhos da autora



69. Desenho da autora



70. Desenhos da autora



71 a 80. Desenhos da autora

